



# Cira Arqueologia

N.º 4 DEZ'15



Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



[www.museumunicipalvfxira.pt](http://www.museumunicipalvfxira.pt)

Centro de Estudos  
ARQUEOLÓGICOS  
Vila Franca de Xira







# Cira Arqueologia

N.º **4** DEZ'15



**Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira**  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



**MUSEU  
MUNICIPAL** [www.museumunicipalvfxira.pt](http://www.museumunicipalvfxira.pt)



Centro de Estudos  
**ARQUEOLÓGICOS**  
Vila Franca de Xira

PROPRIEDADE

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Museu Municipal

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Museu Municipal

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Roque

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

João Pimenta

TEXTOS

António M. Monge Soares, Carlos Fabião, Eurico Sepúlveda,  
Gonçalo Costa, Henrique Mendes, João Pimenta, João Sequeira,  
Maria de Fátima Araújo, Marisol Ferreira, Marta Santos, Pedro Valério,  
Tânia Casimiro, Teresa Rita, Vincenzo Soria

REVISÃO

João Pimenta, Patrícia Ramos

CAPA

Pormenor da marca impressa (tríscele) proveniente de Chões de Alpompe. Fotografia de João Almeida

DESIGN E PAGINAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira DIMRP/SDPG  
Patrícia Victorino

EDIÇÃO

CD-Rom | 100 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

Dezembro de 2015

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores.

ISSN

2183069X

## Texto de apresentação Revista Cira Arqueologia n.º 4

O Município de Vila Franca de Xira, tem vindo, nos últimos anos a efetuar uma forte aposta na atividade e investigação arqueológica. Fruto desse labor, o ano de 2015, ficou marcado por momentos assaz relevantes para o Museu Municipal e para a afirmação da arqueologia enquanto disciplina estruturante no conhecimento da ocupação do nosso território.

A 23 de Março, com a inauguração da Exposição internacional “Lusitania Romana. Origen de dos pueblos / Lusitânia Romana. Origen de dois Povos” no Museu Nacional de Arte Romana de Espanha - Mérida, assinalou-se a cedência temporária de uma das peças mais emblemáticas do acervo do Museu Municipal, o escudo romano de Monte dos Castelinhos.

A 6 de Maio, teve lugar a apresentação pública, da Revista *CIRA Arqueologia* n.º 3. Neste volume com mais de 400 páginas, coordenado pelo Professor Carlos Fabião e pelo Arqueólogo do Museu Municipal, João Pimenta, materializam-se os resultados do Congresso Internacional de Arqueologia, “Conquista e Romanização do Vale do Tejo”, realizado em Vila Franca de Xira em 2013.

A 16 de Maio, inaugurámos, no Núcleo Museológico do Mártir Santo, a Exposição monográfica, “O Sítio arqueológico de Monte dos Castelinhos. Em busca de *Ierabriga*”. Esta mostra constituiu pretexto para darmos a conhecer o ponto de situação dos estudos sobre a presença romana no baixo-Tejo, sublinhando a centralidade do território de Vila Franca de Xira no quadro da Península Ibérica.

Não é de mais sublinhar que, a par da Exposição, o Museu Municipal apresentou um Catálogo com 200 páginas, em que é aprofundado o conhecimento sobre este sítio e sobre o território que o rodeia. De território desconhecido no âmbito do estudo do mundo romano, Monte dos Castelinhos assume-se hoje como um sítio incontornável para o estudo da romanização no ocidente da Península Ibérica.

A 19 de Maio realizámos uma visita, em colaboração com o Museu Nacional de Arqueologia e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, à Exposição “Lusitânia Romana: Origen de dois Povos”, no Museu Nacional de Arte Romana, em Mérida. Esta iniciativa permitiu levar públicos de Vila Franca de Xira a uma relevante exposição internacional, assumindo o município o seu papel de agente cultural.

A 26 de Setembro, abrimos as portas do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. Este novo equipamento cultural do Município emerge na sequência da dinâmica da atividade arqueológica e da sua subsequente divulgação pela comunidade. Na sua génese, este Centro, tem como objetivos programáticos, o estudo, investigação e promoção, dos mais antigos vestígios da ocupação humana no vale do Tejo. O CEAX, enquanto espaço científico e cultural, reúne assim as condições para o desenvolvimento de um conjunto de atividades no domínio da investigação e divulgação do património arqueológico. Nas suas instalações funcionam, além dos gabinetes de trabalho destinados a acolher investigadores, uma ampla área expositiva, o serviço educativo, assim como as reservas municipais das Coleções de Arqueologia.

Sobre este último ponto, ressalve-se que resulta da necessidade de criação de um novo espaço de área de reserva, planeado em moldes modernos e destinado a acolher a heterogeneidade de espólios e registos. As novas instalações permitem agora concentrar aquilo que se encontrava disperso e a, partir deste momento, receber outras coleções e tornar visitável (mediante marcação, e devidamente enquadrada pelos técnicos) a área de “bastidores” do Museu Municipal.

Desde o primeiro desenho deste novo projeto, foi acautelada a existência de um serviço educativo específico, destinado à educação patrimonial na área da arqueologia. Nasceu assim o “Ateliê de Arqueologia experimental”, que simula uma escavação arqueológica, introduzindo conceitos, metodologias e práticas da atividade arqueológica. Ainda que pensado para o público escolar do território onde este Centro se insere, encontra-se porém aberto a todos os interessados.

A área expositiva, que se pretende temporária, abriu com a mostra “Arqueologia em Vila Franca de Xira. O desvelar de um património milenar”, que dá a conhecer algumas das escavações e estudos mais relevantes ocorridas no concelho nos últimos anos.

Culminando um ano pleno de atividade, apresentamos hoje o mais recente volume da Revista *CIRA Arqueologia*. Trata-se do quarto volume de uma Revista que se tem vindo a afirmar na sua área de especialidade, e que pretendemos que mantenha a sua periodicidade, apostando no princípio de que, o conhecimento sobre o passado do nosso território constitui papel estruturante da nossa filosofia de atuação.

O VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

**FERNANDO PAULO FERREIRA**

**Museu Municipal de Vila Franca de Xira**

Rua Serpa Pinto, 65  
2600-263 Vila Franca de Xira  
Tel. 263 280 350

museumunicipal@cm-vfxira.pt  
sede@museumunicipalvfxira.org  
www.museumunicipalvfxira.org  
www.cm-vfxira.pt



Figura 1 e 2  
Apresentação pública  
da Revista CIRA  
Arqueologia N.º 3, a 6  
de Maio de 2015.



Figura 3  
Inauguração  
da Exposição  
internacional  
"Lusitania Romana.  
Origen de dos pueblos  
/ Lusitânia Romana.  
Origen de dois Povos"  
no Museu Nacional  
de Arte Romana de  
Espanha - Mérida, a 23  
de Março de 2015.



Figura 4  
O Secretário de estado da Cultura de Portugal, Jorge Barreto Xavier, assiste à explicação por parte do Diretor do Museu Nacional de Arte Romano de Mérida, José Maria Alvarez, em torno do escudo romano de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira.



Figura 5 e 6  
Inauguração da Exposição "O sítio arqueológico de Monte dos Castelinhos" no Núcleo Museológico do Mártir Santo em Vila Franca de Xira, a 16 de Maio de 2015.





Figura 7, 8 e 9  
Inauguração do  
Centro de Estudos  
Arqueológicos de  
Vila Franca de Xira –  
CEAX e da Exposição –  
“Arqueologia em  
Vila Franca de Xira.  
O desvelar de um  
património milenar”,  
a 26 de Setembro  
de 2015.



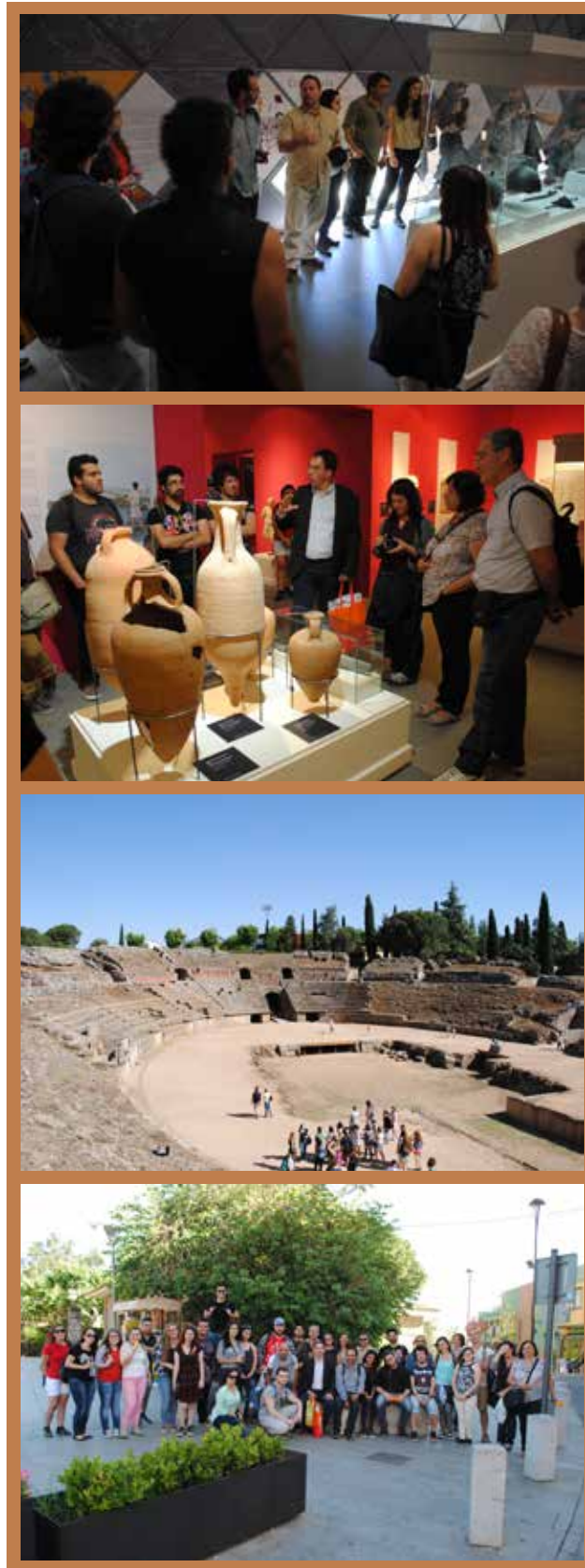


Figura 10 a 13  
Visita, em colaboração  
com o Museu Nacional  
de Arqueologia e a  
Faculdade de Letras  
da Universidade de  
Lisboa, à Exposição  
“Lusitânia Romana:  
Origem de dois Povos”,  
no Museu Nacional  
de Arte Romana, em  
Mérida., a 19 de Maio  
de 2015.



Figura 14, 15 e 16  
Campo Arqueológico  
Monte dos Castelinhos  
2015.





Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



MUSEU  
MUNICIPAL [www.museumunicipalvfxira.pt](http://www.museumunicipalvfxira.pt)



Centro de Estudos  
ARQUEOLÓGICOS  
Vila Franca de Xira



## ➤ Casal dos Pegos I e o Povoamento Orientalizante do Rio da Silveira (Vila Franca de Xira)<sup>1</sup>

**JOÃO PIMENTA** CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS VILA FRANCA DE XIRA – CEAX/UNIARQ

**HENRIQUE MENDES** CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS VILA FRANCA DE XIRA – CEAX

“No meio da profusão de dados provenientes da península de Lisboa, só a delimitação de áreas de estudo específicas pode trazer algumas novas respostas.”

(SOUSA, 1998 p. 171)

### RESUMO

O presente trabalho emerge das problemáticas suscitadas com a escavação do povoado de Santa Sofia, em Vila Franca de Xira. O alargar do quadro de indagações, ao território vizinho, através de um projeto de prospeção sistemática, permitiu começar a antever um quadro de povoamento totalmente insuspeito.

No âmbito deste projeto, foi possível identificar em áreas de meia encosta, diversos sítios dos finais da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, que podem enquadrar-se dentro daquilo que usualmente se classifica como casais agrícolas, assim como, outros de maior dimensão e de posição destacada na paisagem.

Entre as diversas áreas analisadas, o Vale do Rio da Silveira apresenta-se como um espaço geográfico bem definido e com uma dinâmica de ocupação que justifica o desenvolvimento de um projeto de estudo futuro.

### SUMMARY

This paper emerges from the problems raised with the excavation of the Santa Sofia archaeological site in Vila Franca de Xira. The widening of the inquiry into the neighboring territory, through a systematic exploration project, allowed start to envision a totally unsuspected settlement framework.

Under this project, it was identified in hillside areas, various sites of the late Bronze Age and Iron Age, which can be framed by what usually is classified as agricultural couples, as well as other larger and prominent position in the landscape.

Among the various areas analyzed, the Silveira River valley presents itself as a well-defined geographic area and with a dynamic of occupation that justifies the development of a future study project.

## 1. Introdução

A descoberta e posterior escavação do povoado proto-histórico de Santa Sofia, em pleno núcleo urbano da cidade de Vila Franca de Xira, conduziu a um quadro de problemáticas a queurgia dar resposta (Pimenta e Mendes, 2007).

Ao iniciarmos o estudo deste povoado, este apresentava-se regionalmente como um caso único de povoamento para a Idade do Bronze e Idade do Ferro, não existindo estações con-

temporâneas no concelho de Vila Franca de Xira, nem nas áreas mais próximas, que nos permitissem contextualizar as realidades registadas em Santa Sofia.

Perante este desconhecimento, desenvolveu-se um projeto de prospeções sistemáticas do território, que permitiu identificar diversos novos sítios, demonstrando claramente a interação entre o mundo indígena e os navegadores semitas, embora falte ainda precisar a cronologia dessa interação.

Num primeiro momento, tivemos já oportunidade de apresentar os resultados destes trabalhos, tendo-nos então detido nos dados obtidos para o vale do Rio Grande da Pipa (Pimenta e Mendes, 2010/2011).

Com o presente trabalho pretendemos trazer a público um conjunto de dados coerentes e que, a nosso ver, permitem uma visão de conjunto para o vale do Rio da Silveira.

**Figura 1**

Localização do Vale do Rio da Silveira no Vale do Tejo com a implantação dos principais sítios de altura da Idade do Bronze Final. Base cartográfica, Boaventura, 2009.

## 2. Enquadramento Geográfico

O território de Vila Franca de Xira espalha-se pelas duas margens do Rio Tejo, contendo em si mesmo uma diversidade geográfica que condicionou, ao longo da história, a sua ocupação.

Na margem direita, deparamo-nos com uma ampla faixa ribeirinha, recortada por significativas linhas de água, descendo dos montes a jusante, que marcam o início da paisagem da Estremadura. Nesta zona reuniam-se as condições para a implantação de núcleos habitacionais, tendo desde cedo os seus terraços fluviais sido escolhidos para esse efeito.

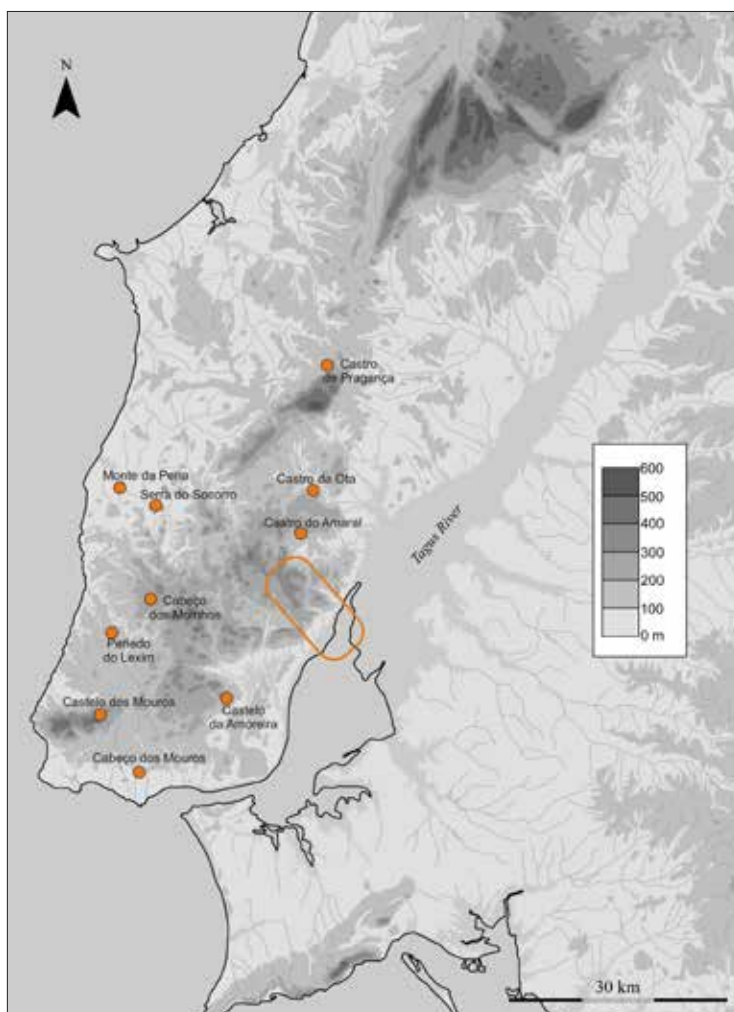
A margem esquerda espalha-se pelas férteis lezírias Taganas, até ao vale do Rio Sorraia. Este amplo território tem, ainda hoje, um aproveitamento essencialmente agrícola e pecuário, sendo uma das zonas mais férteis do país.

O Rio da Silveira (Fig. 1), apesar de hoje em dia se encontrar muito assoreado, continua a ser um importante afluente do Tejo, com caudais variáveis que deixam vislumbrar a sua importância de outros tempos.

Este rio nasce a cerca de 350 metros de altitude na localidade de São Romão e recebe, ao longo do seu sinuoso percurso de cerca 13 km, os afluentes de Trancoso, vale de Calhandriz, Rio do Fojo e Ponte Nova.

O seu percurso inicial encontra-se encaixado num vale estreito onde existem fortes indícios de exploração mineira antiga, patentes nos vestígios de concheiras resultantes possivelmente do desmonte dos terraços fluviais para a pesquisa de ouro (Trancoso de Cima II – CNS n.º 30371).

Após a localidade de Trancoso, o vale do Rio da Silveira, espalha-se numa fértil planície contornada por montes de dimensões consideráveis, mas de encostas suaves. Como iremos ver, é nesta área mais resguardada que encontramos diversos sítios de cronologias proto-históricas.



Esta planície, na zona da Calhandriz, desemboca num vale esguio e apertado por onde o Rio da Silveira corre até desaguar nas amplas margens aluvionares do Tejo.

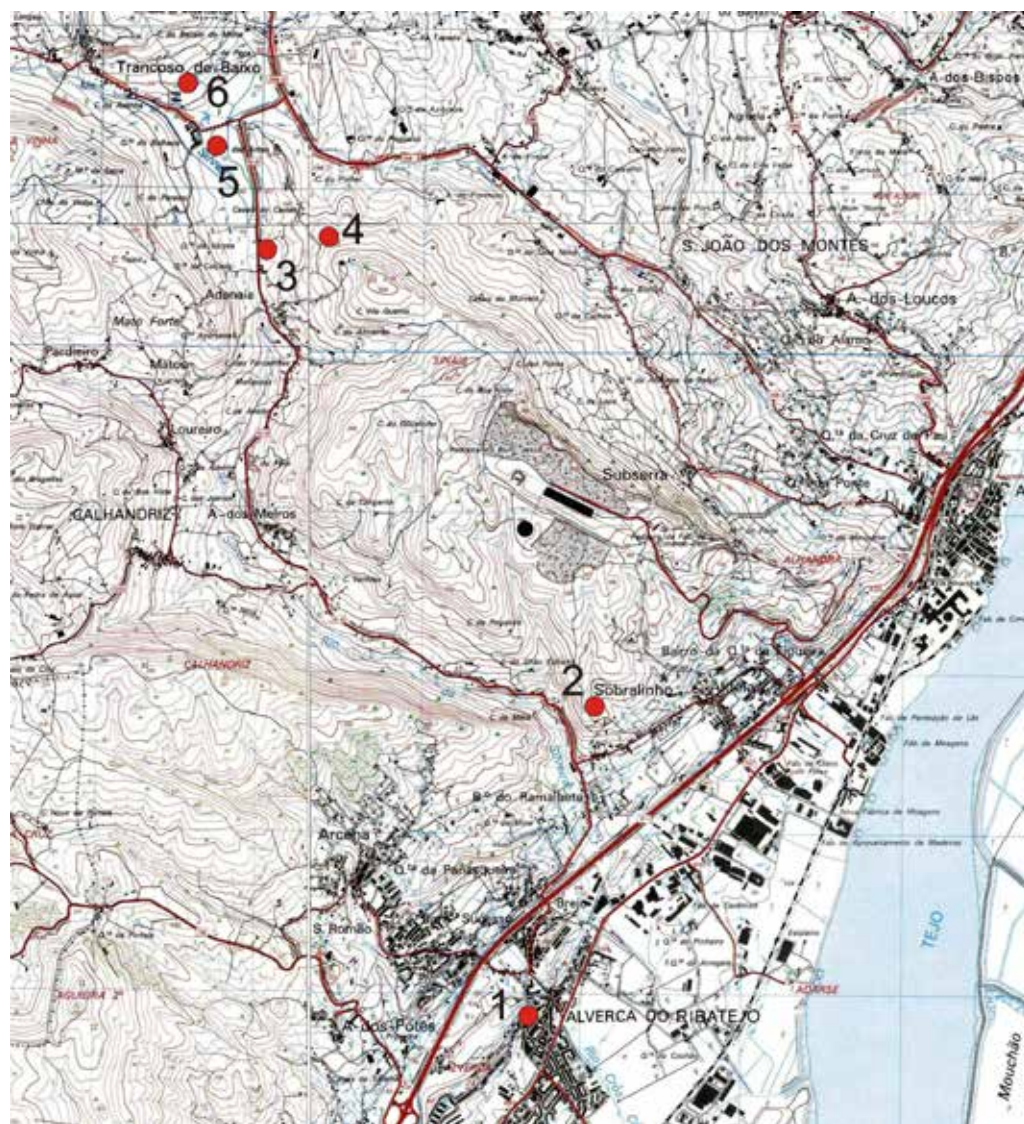
A ausência de dados paleogeográficos impede-nos de conhecer a evolução da fase terminal do Rio da Silveira, ao longo do tempo, e, em particular, para o período a que nos reportamos. Por isso, apenas podemos supor que esta acompanha o processo geral de assoreamento das zonas estuarinas, deixando em aberto a possibilidade de a sua navegabilidade, atestada em épocas históricas até à colina do Castelo de Alverca, poder ter-se efetuado, pelo menos, até à zona com o topónimo bem apelativo de Quinta dos Barcos.

### 3. Os trabalhos de prospeção

Os trabalhos de campo foram efetuados nos anos de 2006 e 2007 no âmbito do projeto, «Conhecer o património de Vila Franca de Xira. Património móvel e imóvel», patrocinado pelo Programa Operacional da Cultura (Pimenta e Mendes, 2007a).

Apesar de um inventário desta natureza nunca estar concluído, o trabalho que podemos desenvolver permitiu revelar um potencial arqueológico insuspeito.

Embora sejam desde há muito conhecidos diversos sítios arqueológicos nesta área, as investigações do Museu Municipal permitiram detetar três dezenas de novas estações, algu-



**Figura 2**  
Excerto da Carta Militar de Vila Franca de Xira, 1: 25.000, Folha n.º 390, com a localização dos sítios proto-históricos identificados no Vale do Rio da Silveira: 1 – Castelo de Alverca; 2 – Alto do Pinheiro; 3 – Adanaia; 4 – Castelo; 5 – Quinta do Bulhaco II; 6 – Casal dos Pegos I.



mas delas de grande importância científica e patrimonial a carecerem de projetos de investigação e salvaguarda. Entre estas, destacam-se pela sua raridade, as estações proto-históricas (da Idade do Bronze Final e da Idade do Ferro) (Fig. 2) reveladoras de uma dinâmica de povoamento, até ao momento, desconhecida.

A metodologia de prospeção foi a de batida sistemática do espaço, privilegiando a importância da micro análise territorial e o microcosmos do vale de uma ribeira ou de um rio.

No presente caso do Rio da Silveira, efetuou-se a leitura do território desde a antiga foz até à nascente (Figs. 2 e 3), tentando-se, tanto quanto possível, efetuar a prospeção efetiva do espaço em diversas fases do ano (ver Pimenta e Mendes, 2007a).



**Figura 3**  
Vista do Vale do Rio da Silveira a partir da Quinta da Bela Vista.



**Figura 4**  
Vista do Rio da Silveira junto ao Casal da Azenha.

#### 4. O Povoado do Morro do Castelo de Alverca do Ribatejo

O morro onde se veio a erguer o antigo castelo medieval de Alverca (Fig. 5) apresenta uma implantação estratégica sobre a antiga via de penetração paralela ao Rio Tejo, mais tarde estrada romana, e um amplo domínio visual sobre a antiga foz do Rio Crós Cós e o Rio da Silveira (Fig. 2). Esta localização privilegiada, associada a condições naturais de defesa em duas das suas vertentes, fez com que este local fosse ocupado desde épocas remotas.

Ainda que os dados disponíveis sobre as mais antigas fases de ocupação deste espaço sejam escassos, a intervenção levada a cabo no Núcleo de Alverca do Museu Municipal de Vila Franca de Xira (CNS 23634), permite, pela primeira vez, recuar a presença humana no núcleo histórico até inícios do primeiro milénio antes de Cristo (Pimenta e Mendes 2007b).



**Figura 5**  
Vista do morro do Castelo de Alverca a partir do Alto da Forca.

##### 4.1. Resumo dos trabalhos efetuados

Face ao projeto de recuperação do antigo edifício da Casa da Câmara de Alverca para instalar o novo núcleo do Museu Municipal, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira decidiu, desde o primeiro momento, efetuar trabalhos arqueológicos preventivos.

Apesar de todas as subtrações de informação resultantes da ocupação deste edifício ao longo dos séculos, a intervenção arqueológica desenvolvida nas diversas sondagens, efetuadas dentro e fora do edifício, permitiu identificar uma potência estratigráfica variável de cerca de dois metros. A sua leitura permitiu analisar, pela primeira vez, a sequência de ocupação humana do antigo aglomerado de Alverca, ao longo de cerca de três mil anos. O estudo dos dados obtidos e a análise dos relatórios da intervenção de campo, registos e espólio exumado permite-nos distinguir cinco grandes fases para a sua ocupação:

Um dos dados inesperados na escavação do interior do edifício da Casa da Câmara foi a deteção de uma importante ocupação proto-histórica, datada dos finais da Idade do Bronze (Pimenta e Mendes 2007b).

Estas evidências foram reveladas pela leitura estratigráfica efetuada na Sala Sul. Aqui, o pavimento setecentista em grandes lajes calcárias permitiu a preservação dos níveis precedentes entre os quais se destacam as unidades estratigráficas 4 e 5 da Sondagem A1/ B1/ A2/ B2 e as Camadas 6 e 7 da Sondagem A3/ A4/ B3/ B4.

Estes níveis de sedimento argiloso apresentavam-se bastante homogêneos sendo particularmente ricos em fauna malacológica (ameijoja, berbigão e ostra). Infelizmente, a exiguidade da área intervencionada não permitiu registrar quaisquer vestígios de estruturas que nos permitam elucidar acerca do tipo de ocupação aqui ocorrida.

O espólio recolhido é constituído essencialmente por cerâmica manual. A análise da totalidade da amostra revela uma predominância de grandes contentores de armazenamento, que deveriam servir para guardar os excedentes agrícolas (Figura 6, n.º 3 a 7 e n.º 9 a 15). Regista-se ainda a presença de taças carenadas e potes de acabamento cuidado com as superfícies polidas e espatuladas devendo pertencer a serviços mais “requintados” (Figura 6, n.º 1 e 2 e Figura 7, n.º 16 a 19).

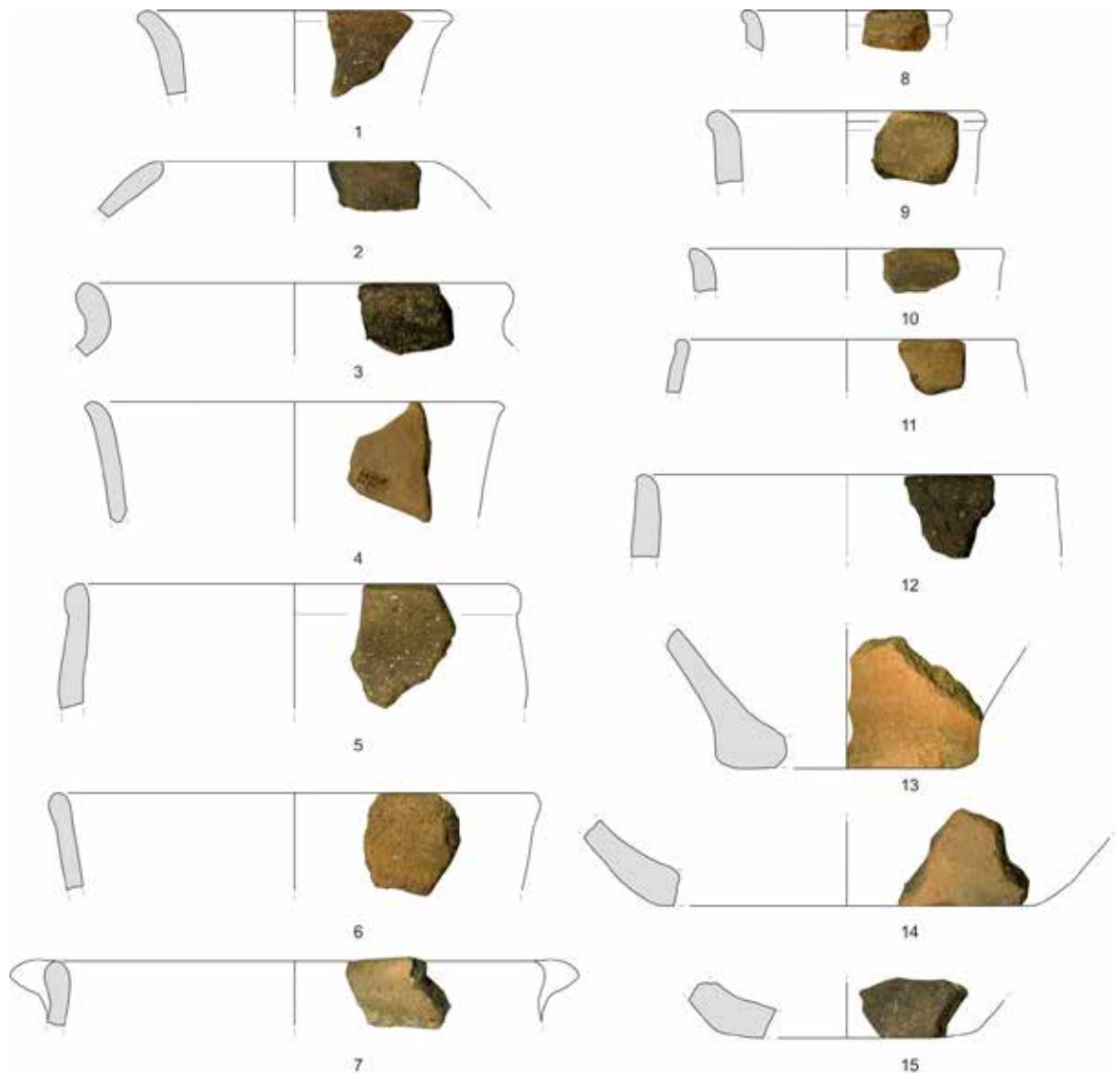


Figura 6  
Cerâmicas manuais da  
Idade do Bronze Final.



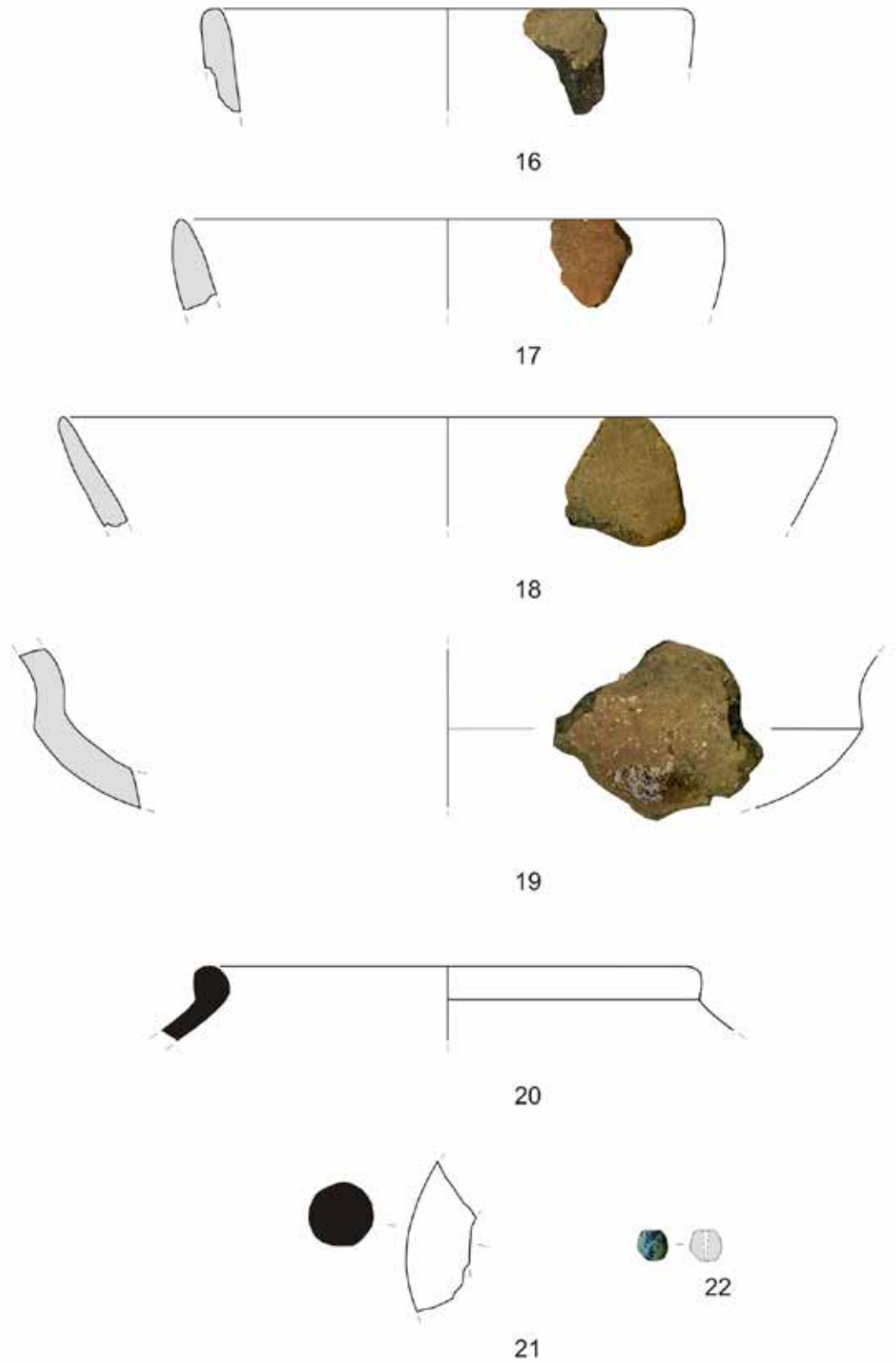


Figura 7  
Cerâmicas manuais da  
Idade do Bronze Final;  
N.º 22 e 23 ânforas  
pré-romanas; N.º 21  
conta em pasta vítrea.

O conjunto cerâmico apresenta bons paralelos nos sítios da Idade do Bronze Final da área do estuário do Tejo como Tapada da Ajuda (Cardoso e Silva, 2004); Cabeço do Mouro Cascais (Cardoso, 2006) e em diversos sítios do vale do Tejo (Cardoso, 2004; Vilaça e Arruda, 2004 e Félix, 2006).

A par das cerâmicas identificou-se ainda a presença de dois pequenos artefactos em sílex (uma lamela e um pequeno raspador), dois fragmentos de uma argola em bronze e uma conta em pasta vítrea de tom azul (Figura 7, n.º 22).

Ainda que não se tenham detetado quaisquer níveis da Idade do Ferro, a presença em níveis posteriores, de época romana e medieval, de materiais claramente pré-romanos de cariz orientalizante, autoriza-nos a supor a sua existência.

Estes materiais, ainda que escassos e carecendo de um contexto primário, merecem a nosso ver umas breves observações. Tratam-se, essencialmente, de fragmentos de bojos de grandes recipientes de tipo *pithoi*. Apenas três fragmentos permitem reconstituição formal: um bocal de *pithos* com vestígios do arranque de asa bífida e dois fragmentos correspondendo a ânforas de tipologia pré-romana, nomeadamente uma asa de rolo e um bocal de ânfora (Figura 7, n.º 20 e 21). Este contentor corresponde a uma produção do Estuário do Tejo, recentemente designada como Tipo 1 (Sousa e Pimenta, 2014). Este Tipo engloba recipientes inspirados nas ânforas de saco (tipos 10.1.1.1 e 10.1.2.1. de Ramon Torres), que adquirem, nesta área geográfica, características específicas, concretamente uma maior amplitude do bordo, assim como uma notável diversidade ao nível da sua secção, que se acentua particularmente nos exemplares mais tardios (Sousa e Pimenta, 2014). O início desta produção parece recuar a finais do séc. VIII / inícios do séc. VII a.C., sendo, contudo, certo que perdura até meados do 1º milénio a.C., como foi possível constatar na Rua dos Correiros (Lisboa), onde integra o grupo 1B (Sousa, 2014).

Qual a extensão da ocupação proto-história do morro do Castelo de Alverca e a sua real importância, só a realização de novas intervenções com um quadro de indagações previamente definido, poderá vir esclarecer.

A análise da sua localização e implantação topográfica faz supor podermos estar perante um povoado “fortificado” que tiraria partido da sua implantação como área de bom ancoradouro, junto a uma via principal de comunicação terrestre e controlando o acesso ao interior do território pelo vale do Rio Crós Cós e vale do Rio da Silveira.

Apesar de escassos, os elementos disponíveis permitem vislumbrar que este povoado terá interagido com os primeiros contactos com o mundo fenício, desde uma fase precoce do processo de orientalização do estuário do Tejo. Destas trocas surgem-nos como evidências a pequena conta em pasta vítrea, recolhida em contextos interpretados como da Idade do Bronze Final e onde não foi detetada qualquer cerâmica a torno, assim como, os contentores de tipo *pithoi* e as ânforas recolhidos em contextos secundários.

## 5. Necrópole do Alto do Pinheiro

O sítio arqueológico do Alto do Pinheiro (CNS 30442) localiza-se numa plataforma aplanada no topo de um monte, implantado sobre uma curva do Rio da Silveira, nas imediações da povoação do Sobralinho.

Corresponde a uma necrópole de cistas datada do Calcolítico, nunca devidamente investigada em moldes modernos (Parreira, 1986, p. 77). Os dados disponíveis resumem-se a uma intervenção arqueológica aqui efetuada a 6 de Abril de 1956 por Hipólito Cabaço, tendo então sido escavada uma cista de um conjunto maior que ficou por intervir. O espólio dessa



intervenção permanece praticamente inédito nas reservas do Museu Municipal, sendo constituído por um vaso campaniforme de tipo marítimo e uma taça lisa.

Os trabalhos de prospeção permitiram revisitar este sítio arqueológico, tendo-se verificado infelizmente que a ampliação do adutor de água da EPAL, que conduz água à cidade de Lisboa, terá afetado profundamente o que restava desta estação.

Recolheram-se, porém, alguns materiais à superfície, nomeadamente um fragmento de taça carenada com acabamento polido, que parece indicar que o sítio teve uma reocupação durante a Idade do Bronze Final. Se estaremos ou não igualmente, perante um uso funerário nesta fase, só futuros trabalhos de campo poderão vir a esclarecer.

#### Figura 8

Vista de Oeste do sítio arqueológico de Adanaia. A vermelho encontra-se delimitado a área alvo de desaterro e onde se detetou a ocupação da Idade do Bronze. Em plano de fundo, sobre as vivendas, é visível o sítio do Castelo, então ainda densamente arborizado.

### 6. Adanaia

O sítio de Adanaia, freguesia de Calhandriz, situa-se numa encosta suave sobranceira ao Rio da Silveira, encontrando-se delimitado a norte por uma pequena linha de água.

Em 2006, em visita ao local deparámo-nos, numa extensa fração de terreno perto da estrada nacional, com um desaterro recente de cerca de dois metros, para a construção de uma moradia (Figs. 8 e 9). A observação dos cortes preservados e do terreno permitiu identificar uma ampla área de dispersão de cerâmica manual, ossos e conchas (Pimenta e Mendes, 2007A).





**Figura 9**  
Vista da área alvo de desaterro e que conduziu à deteção da ocupação proto-histórica.

Face à situação de destruição generalizada, tendo o desaterro atingido o nível geológico em toda a área, apenas foi possível registar a informação e recolher o imenso espólio que se encontrava ainda disperso pela área.

A análise do conjunto cerâmico permite-nos identificar duas ocupações distintas: uma da Idade do Bronze Final, que parece estender-se a toda a área, e uma posterior, de época romana alto-imperial.

Desta última, exumou-se apenas material de construção, fragmentos de bojos de ânforas e dois elementos de *Terra Sigillata* hispânica, que apontam para uma ocupação romana, possivelmente a uma cota superior da encosta.

A ocupação proto-histórica é bastante expressiva. Muito embora não tenhamos as devidas coordenadas estratigráficas e contextuais para a correta interpretação das várias centenas de fragmentos de cerâmica manual recolhidos, estes atestam pela sua morfologia e acabamentos um leque variado de funções, para cuja definição muito contribui a homogeneidade cronológica do conjunto, centrado, face aos paralelos estabelecidos, naquilo que tem vindo a ser definido para a península de Lisboa como Bronze Final I (Cardoso e Carreira, 1993 e Cardoso, 1999-2000).

Entre o conjunto predominam os grandes contentores de armazenamento de colo alto e lábio simples (Figuras 10, 11 e 12). Estes apresentam bons paralelos em níveis da Idade do Bronze Final em Alpiarça (Marques, 1972; Kalb & Höck, 1985). Esta forma encontra-se igualmente bem atestada em diversas estações na península de Lisboa em contextos coetâneos (Cardoso, 1997/98, 2003, 2006, 2010/2011, Cardoso e Silva, 2004), assim como no povoado de Santa Sofia em Vila Franca de Xira, aqui já com uma cronologia de inícios da Idade do Ferro, ainda que com fortes tradições indígenas do Bronze Final (Pimenta e Henrique, 2010/2011).

Os potes de menor dimensão e de colo exvertido, com bons paralelos na península de Lisboa nos povoados da Tapada da Ajuda e Cabeço do Mouro, Cascais (Cardoso e Silva, 2004 e Cardoso, 2006), encontram-se igualmente bem atestados (Figura 13 e 14).



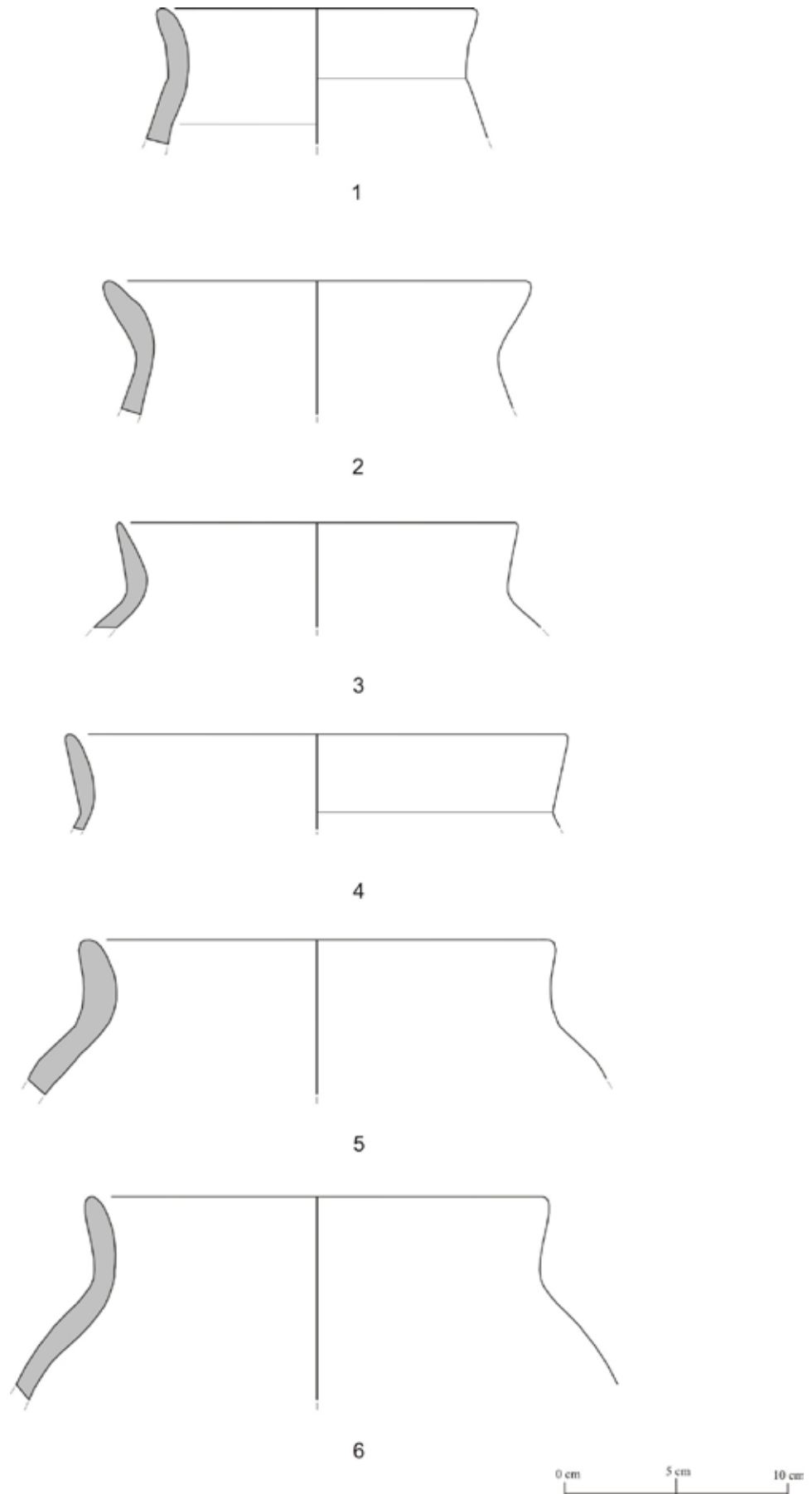


Figura 10  
Potes de  
armazenamento em  
cerâmica manual.

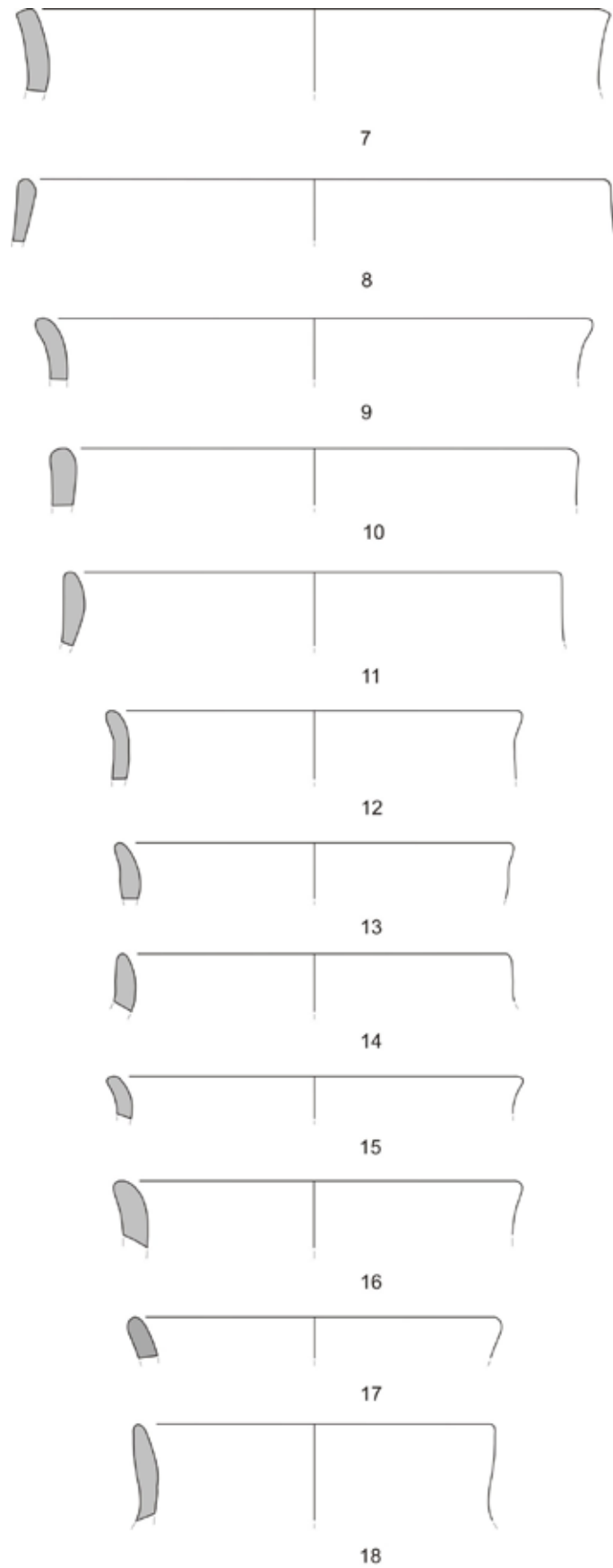


Figura 11  
Potes de  
armazenamento em  
cerâmica manual.

0 cm 5 cm 10 cm

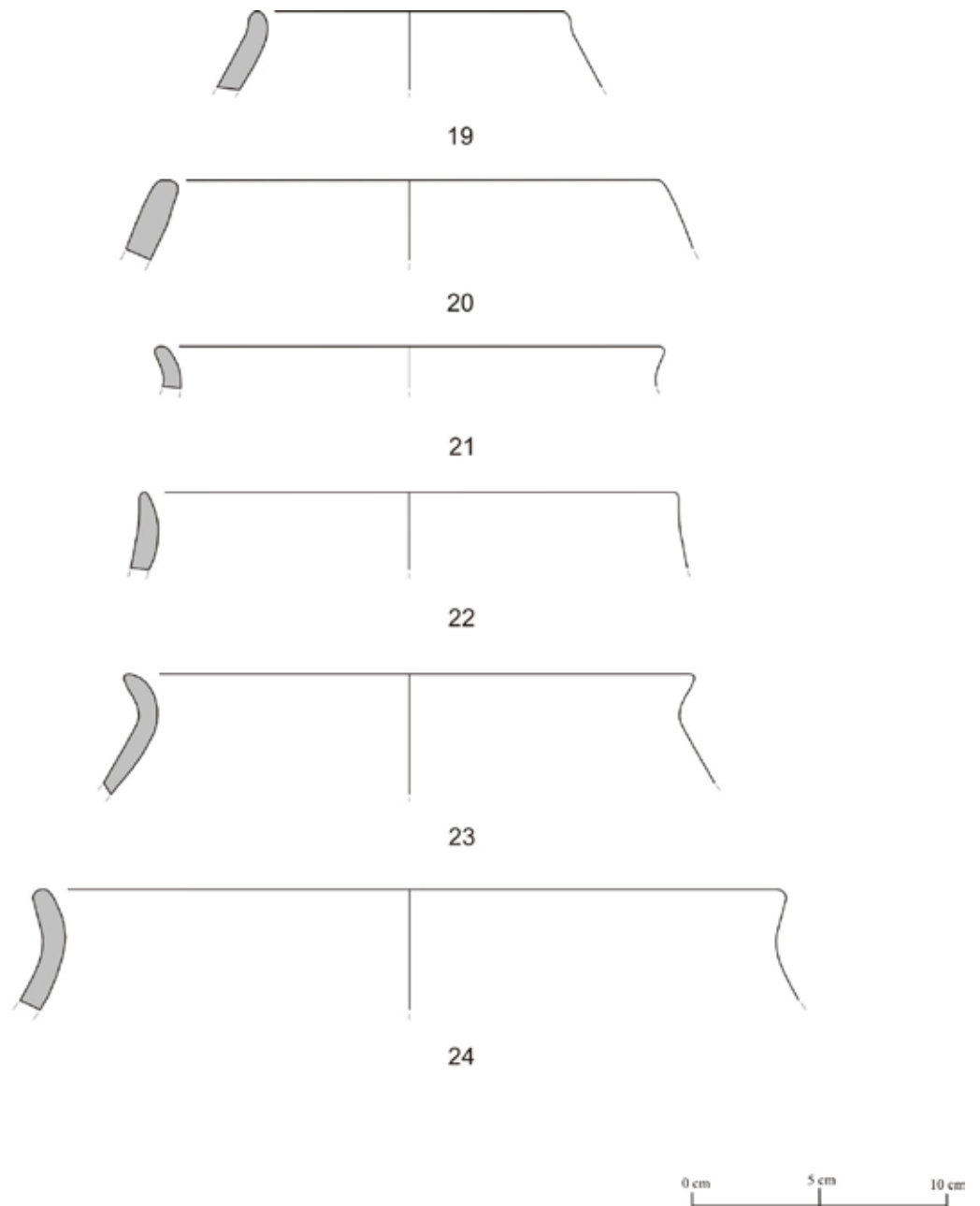


Figura 12  
Potes de  
armazenamento em  
cerâmica manual.



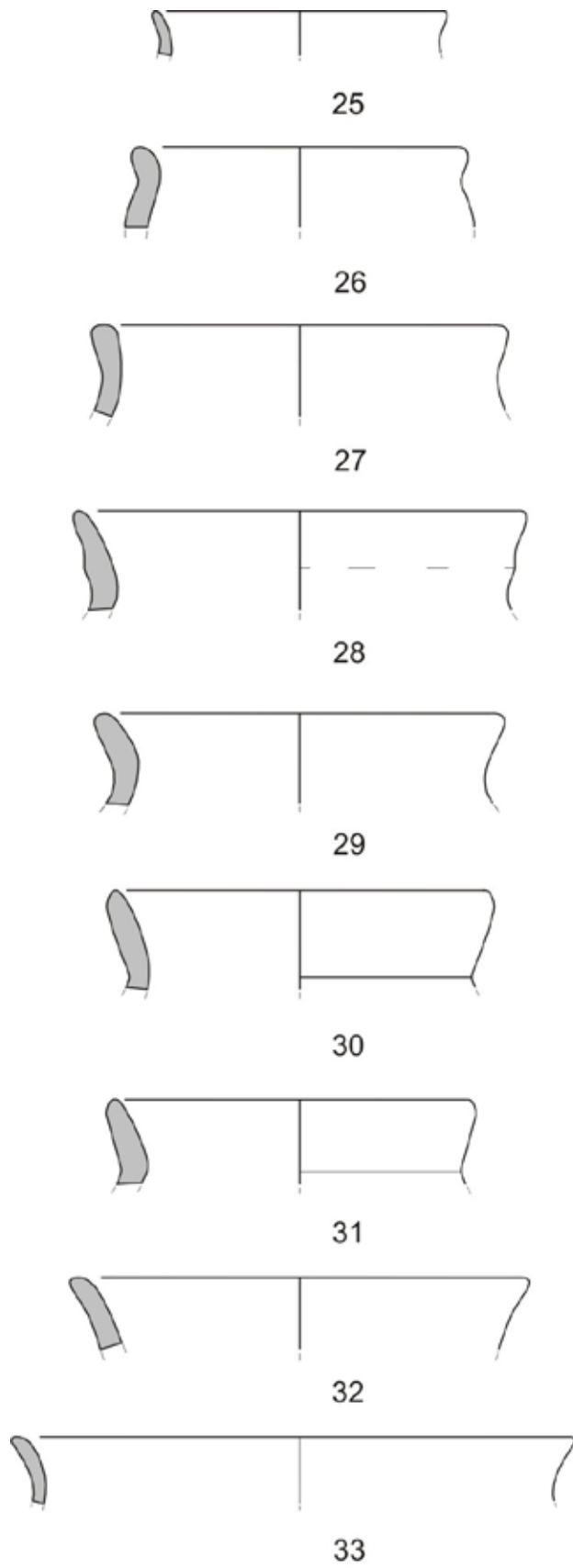
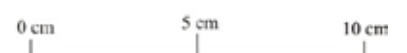


Figura 13  
Potes de cerâmica  
manual.



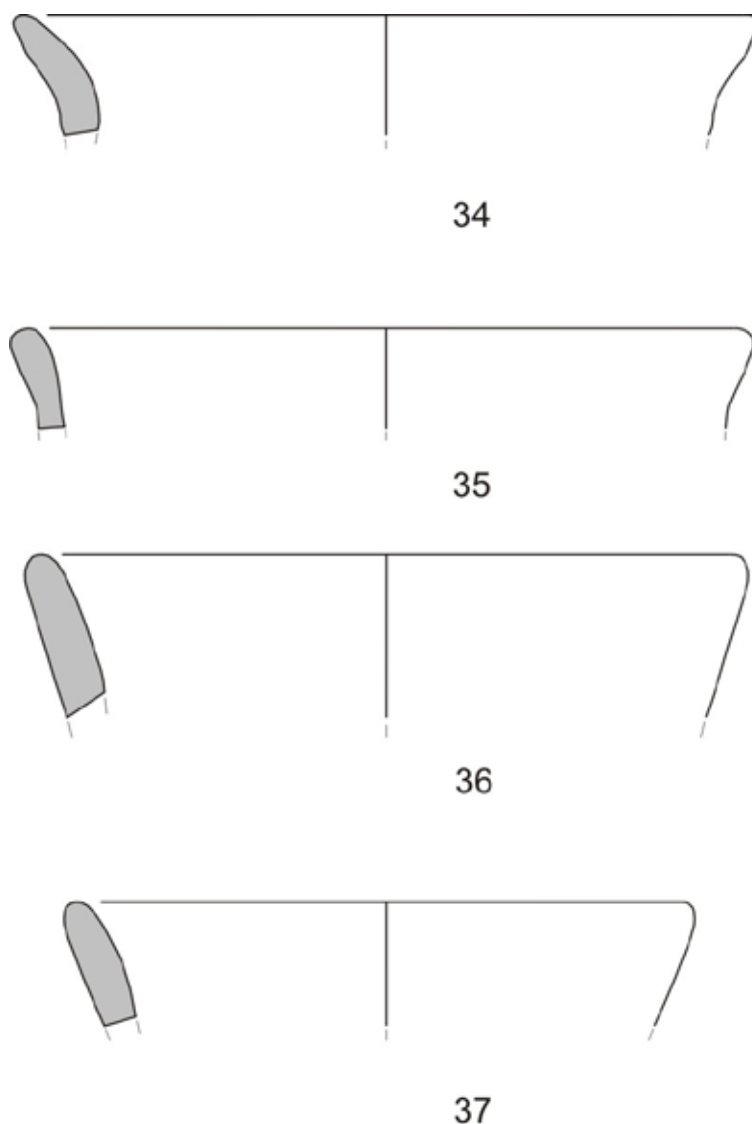


Figura 14  
Pequenos potes  
de cerâmica manual.

A nível de fabrico, estes contentores evidenciam pastas médias, muito raramente grosseiras, nelas avultando os elementos não plásticos de quartzos, micas douradas e grãos carbonatados, apresentando-se em geral compactas e duras, com núcleos escuros e superfícies castanho-anegradas. O acabamento destas pode apresentar-se cuidado, ou mais irregular, mas sempre alisadas, por vezes recorrendo à técnica “*a cepillo*”

Entre o conjunto cerâmico, destaca-se um conjunto de materiais com um claro tratamento diferenciado a nível das suas superfícies e com fabrico distinto, evidenciando pastas de textura fina e média com escassos elementos não plásticos, bem distribuídos. As superfícies encontram-se alisadas e brunidas, incluindo algumas delas a aplicação prévia de uma aguada. A nível formal, destaca-se com este fabrico a presença de taças com carenas altas bem evidenciadas (figuras 15 e 16).

Tal como no povoado da Tapada da Ajuda, a decoração em “ornatos brunidos”, encontra-se ausente do conjunto. Poderá este dado ter uma explicação cronológica? Remetendo-se assim,

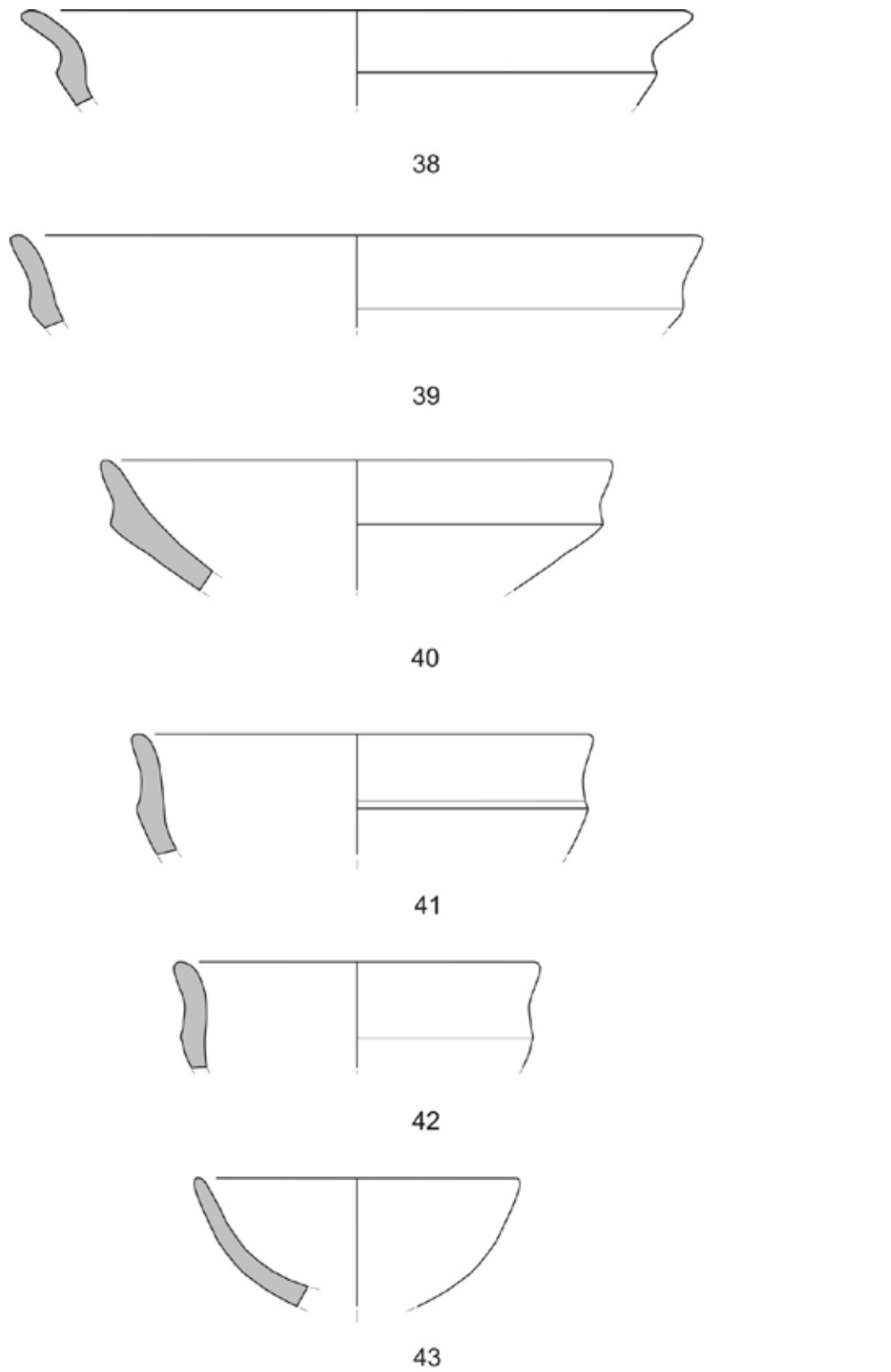


Figura 15  
 N.º 38 a 42 taças  
 carenadas, n.º 43  
 taça hemisférica em  
 cerâmica manual.



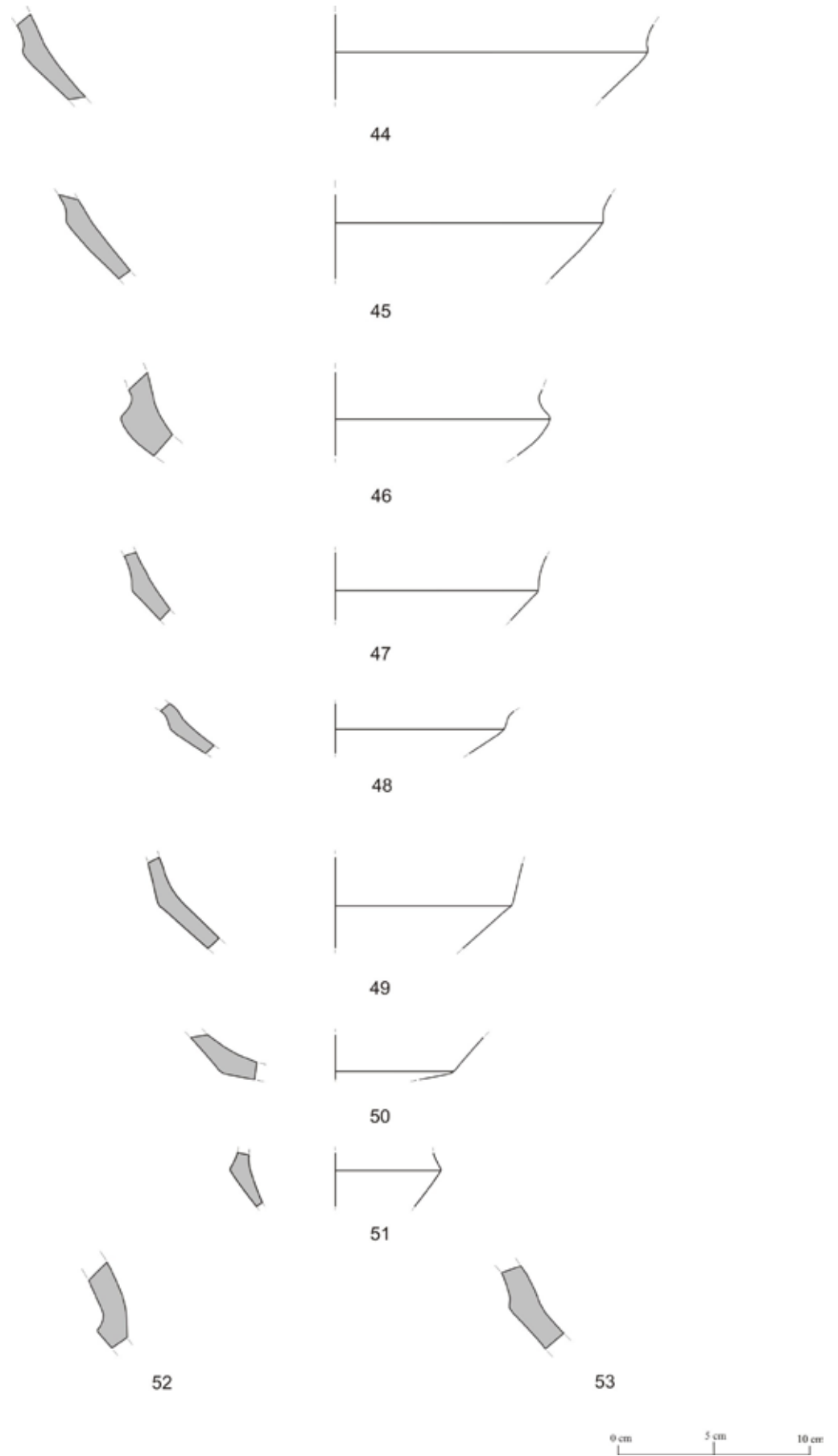


Figura 16  
Taças carenadas em  
cerâmica manual.

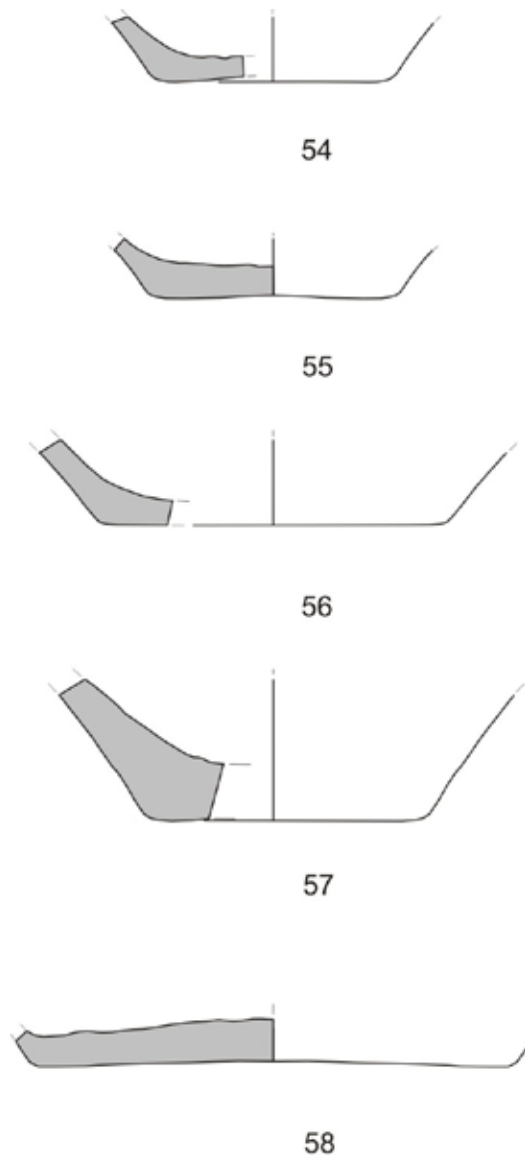


Figura 17  
Fundos planos em  
cerâmica manual.

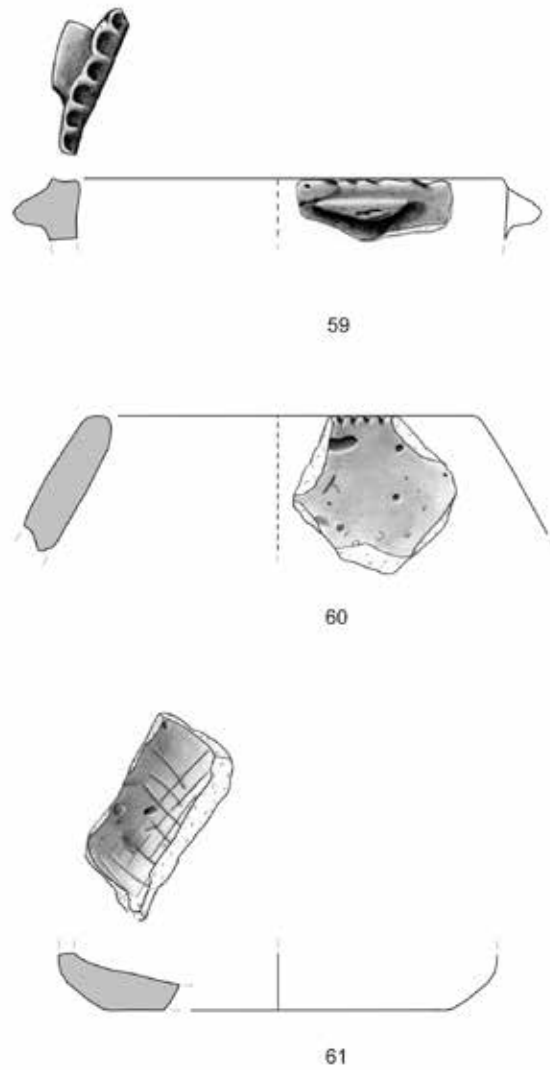


o sítio de Adanaia para uma cronologia mais recuada dentro da Idade do Bronze, datada esta, tendo por base essencialmente o sítio da Tapada de Ajuda, dos séculos XIV/XIII a XI a.C. (Cardoso, 2004). Apesar de pertinente esta hipótese, temos que ter consciência, que em sítios de encosta como o caso em estudo, estas decorações são escassas, podendo a sua ausência ser apenas uma questão de amostragem.

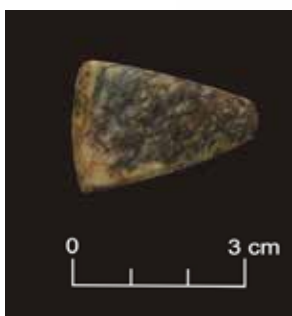
A nível de decoração, apenas se identificaram escassos exemplares (ver Figura 18). Entre estes destacam-se dois bocais denteados, n.º 59 e 60, e um fragmento de fundo plano com retícula interna efetuada por incisão pós-cozedura, n.º 61, afastando-se assim das decorações similares efetuadas através de brunimento, designadas de Tipo Andaluz.

Por último, recolheu-se um pequeno machado votivo de fibrolite, não sendo claro se este está associado a esta fase, ou corresponderá a um período de ocupação pretérito ainda não sustentado por outros elementos, (figura 19).

**Figura 18**  
 N.º 59 e 69 cerâmica manual com bordos denteados; n.º 61 fundo com decoração incisa; n.º 62 e 63 elementos de prensão.



**Figura 19**  
 Pequeno machado votivo de fibrolite.





Ainda que não tenha sido possível vislumbrar a existência de estruturas, a recorrente presença de fragmentos de placas de barro de revestimento, denotando o negativo de restos de material orgânico, assim como a abundância de blocos calcários dispersos pela área, são um forte indicador da sua existência.

A análise da sua implantação, sem quaisquer características de defesa natural e a proximidade de linhas de água, insere-se dentro do que tem vindo a ser caracterizado para a península de Lisboa como casal agrícola (Marques & Andrade, 1974; Cardoso, 2004). Poderíamos, assim, estar perante uma ocupação sob a direta influência ou interdependência do vizinho sítio do Castelo.

**Figura 20**

Vista geral do sítio do Castelo.

**Figura 21**

Fotografia parcial da muralha pétreo que protege o sítio.

## 7. Castelo

O sítio do Castelo (Fig. 20), no lugar de Adanaia, freguesia de Calhandriz (sem CNS) é pela primeira vez referenciado no levantamento do património arqueológico de Vila Franca de Xira efetuado por Rui Parreira (1986). Nessa notícia, menciona-se que se trata de uma formação natural com uma ocupação humana indeterminada. De facto, apesar de a tradição local referenciar a existência de uma ocupação humana no alto, essa não pode ser comprovada no terreno (Idem, p. 74).





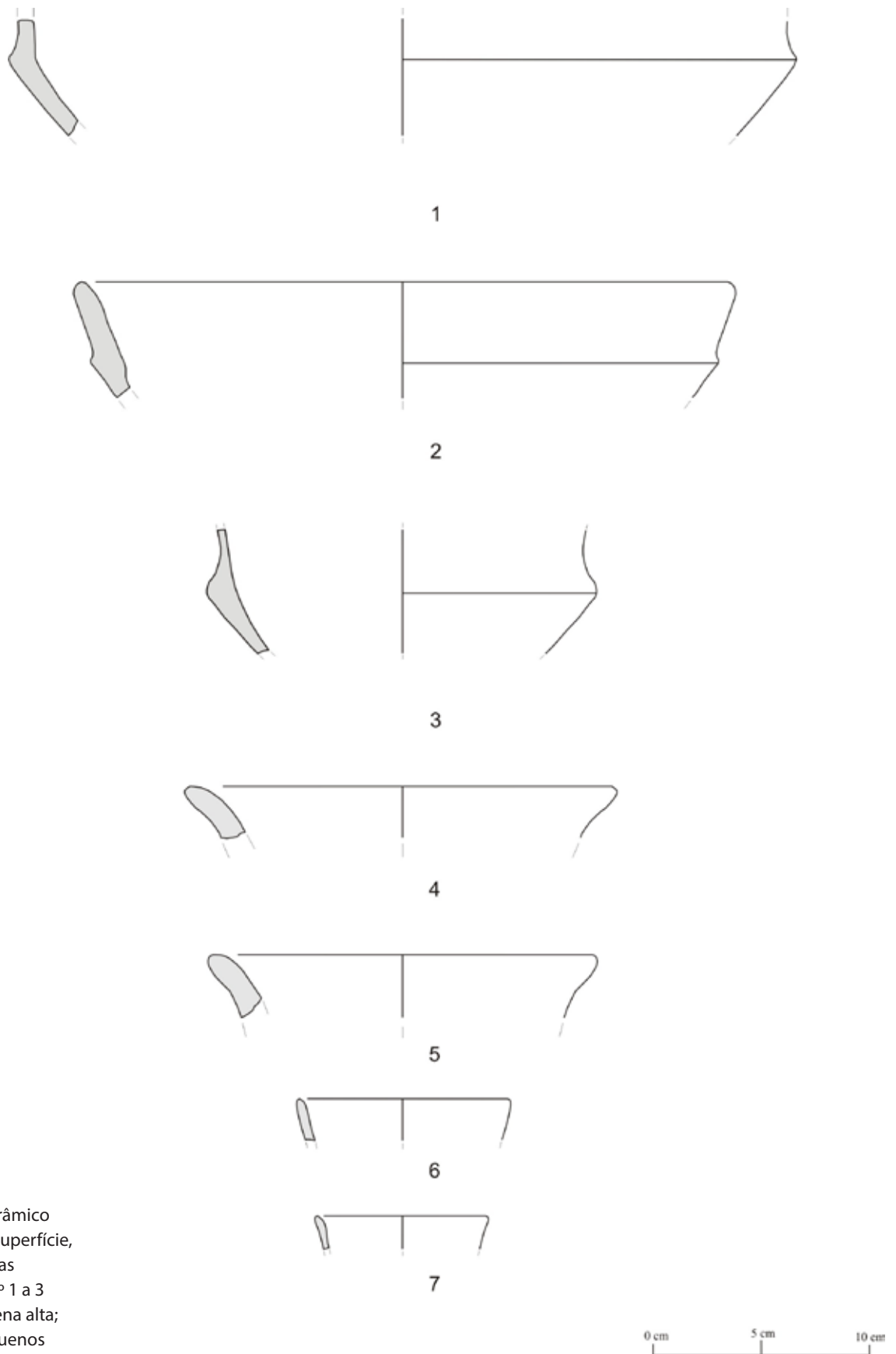


**Figura 22**  
 Vista do topo do sítio  
 do Castelo para Norte.  
 Sendo visível:  
 1 – Casal dos Pegos I;  
 2 – Quinta do Bulhaco II.

Nos trabalhos de prospeção que efetuamos em 2006 e 2007 revisitámos o sítio tentando confirmar ou infirmar a existência de um sítio arqueológico. Porém a situação de invisibilidade arqueológica impossibilitou de todo uma leitura (Pimenta e Mendes, 2007a).

Apenas no corrente ano, na sequência de um incêndio florestal ocorrido no passado verão de 2014, foi possível visitar o denominado Castelo, agora livre do denso manto vegetal de giestas. Trata-se de uma formação geológica calcária singular, em que emergem dois extensos afloramentos configurando uma muralha natural de proporções verdadeiramente ciclópicas, que foi aproveitada e incrementada pelo homem com a construção de uma ampla muralha de planta semicircular no lado de mais fácil acesso (Figs. 21 e 22).

O seu interior afigura-se estar bem preservado, não sendo desde há muito agricultado. À superfície foi possível recolher alguns materiais (Fig. 23). Perante a análise das cerâmicas manuais e dos artefactos líticos recolhidos é plausível supor uma ocupação do final da Idade do Bronze, em tudo similar à já atestada no seu sopé no lugar de Adanaia. Destaca-se a presença de taças carenadas em cerâmica manual com acabamento cuidado e polimento externo, ainda que sem a típica decoração de “ornatos brunidos”.



**Figura 23**  
 Conjunto cerâmico  
 recolhido à superfície,  
 no interior das  
 muralhas. N.º 1 a 3  
 taças de carena alta;  
 n.º 4 a 7 pequenos  
 potes de acabamento  
 cuidado.



## 8. Casal dos Pegos I

No decorrer dos trabalhos de prospeção deparámo-nos, numa área de vinha ocupando o sopé de um monte sobranceiro ao vale do Rio da Silveira e à Quinta do Bulhaco (ver Fig. 2), com uma invulgar ocorrência (Pimenta e Mendes, 2007a). A sua análise permitiu aferir estarmos perante um sítio arqueológico inédito que denominámos de Casal dos Pegos I (CNS 30367). Corresponde a uma densa dispersão de materiais numa área de encosta com pendente para oeste e sem condições naturais de defesa (Fig. 24).

A construção da autoestrada n.º 10, a norte, e de uma estrada rural, a sul, levou a que o sítio tenha sido muito afetado, sendo observável no corte (Fig. 25) ainda aí visível, restos de alinhamentos pétreos, correspondendo possivelmente a estruturas de cariz habitacional.

O espólio é particularmente abundante, sendo constituído maioritariamente por cerâmicas a torno de cariz orientalizante. As cerâmicas manuais de tradição indígena encontram-se igualmente patentes ainda que claramente minoritárias.

Entre as cerâmicas a torno, destaca-se o conjunto de fragmentos de ânforas. Estes encontram-se particularmente bem representados e são reveladores da dinâmica aquisitiva do sítio. Foi possível registar onze fragmentos de bocais e nove asas. Não deixa de ser interessante a comparação com o sítio de Santa Sofia, extensamente escavado, onde apenas se recuperou um fragmento de bocal (Pimenta, Soares e Mendes, 2012).

Entre as ânforas recolhidas é possível estabelecer dois grupos distintos, tendo em conta a análise das suas pastas, o que nos permite propor proveniências distintas.

Os exemplares n.º 1 e 2 evidenciam uma pasta assaz característica que, tendo em conta os grupos definidos por Ramon Torres (1995, p. 256-261), nos permite identificá-los como do Grupo “Baía de Cádiz”. Correspondem ao Tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, de proveniência meridional, possivelmente da área de Cádiz e com cronologias centradas entre os séculos VII e VI a.C.

Os restantes exemplares englobam-se no Grupo I de fabrico definido para as ânforas de produção pré-romana no estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014, p. 251), tratando-se assim de produções de cariz regional.

Os exemplares n.º 3 a 9 correspondem ao Tipo 1 desta Tipologia. O início desta produção parece recuar a finais do séc. VIII / inícios do séc. VII a.C., sendo, contudo, certo que perdura até meados do 1º milénio a.C. (Sousa e Pimenta, 2014).

O bocal n.º 10 corresponde ao Tipo 3. A sua produção parece centrar-se a partir de meados do século VI a.C., encontrando-se esta forma bem atestada em níveis do século V a.C. no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014).

**Figura 24**  
Vista geral do sítio de Casal dos Pegos I no decorrer dos trabalhos de prospeção. Em fundo o vale do rio da Silveira.

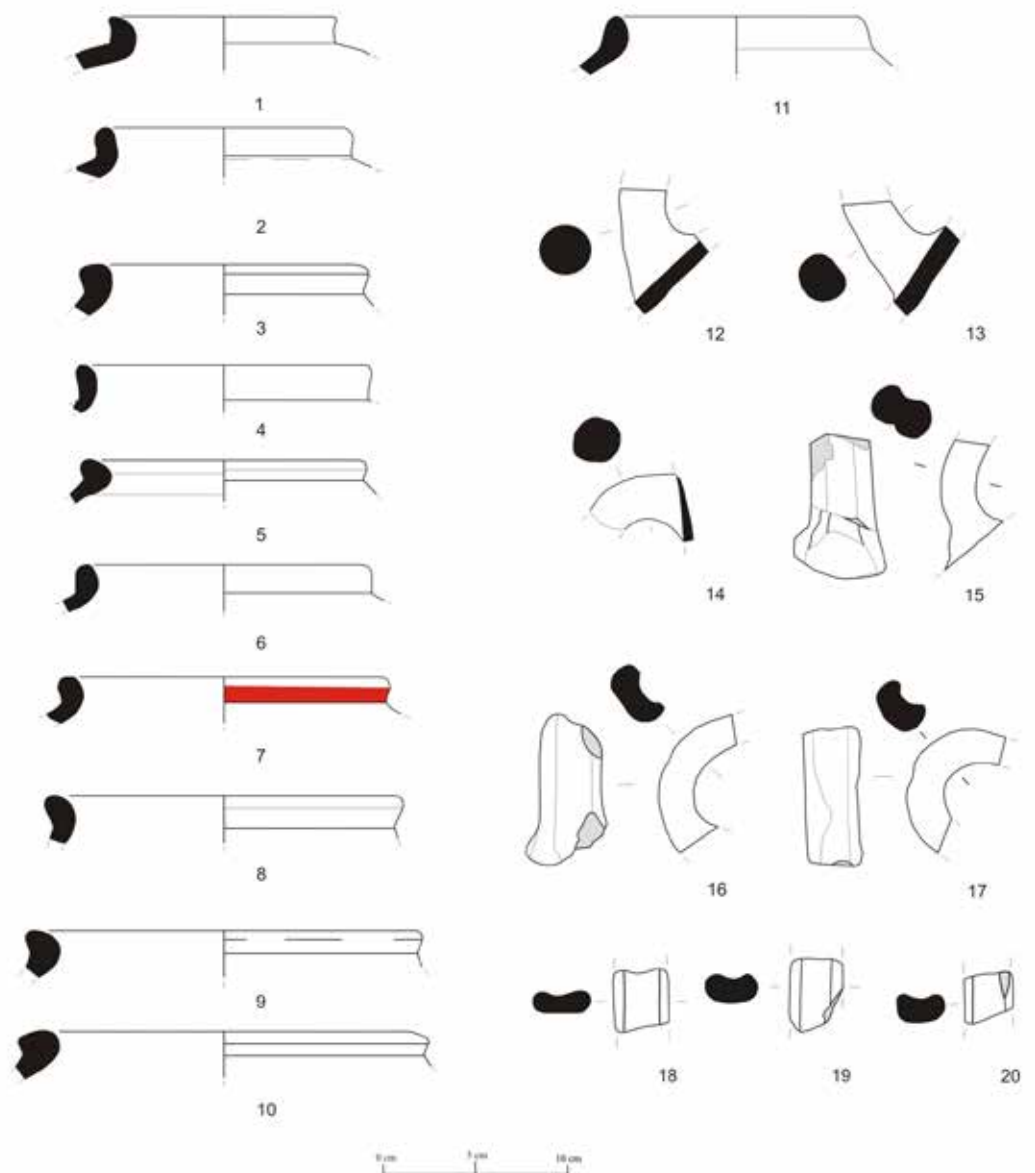
**Figura 25**  
Corte recente resultante da abertura de uma estrada e que afeta profundamente o sítio de Casal dos Pegos I.



A ânfora n.º 11 pode identificar-se com o Tipo 4 destas produções do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014). Trata-se de um contentor que se encontra amplamente difundido no vale do Tejo, e cuja cronologia parece centrar-se em torno do século V a.C.

Entre as asas de ânfora identificam-se dois tipos distintos: um de asas espessas e de secção ovoide (n.º 12 a 14 da figura 26) e outro, melhor representado, n.º 15 a 20 da figura 26, de asas com uma característica depressão longitudinal, típica da segunda metade do primeiro milénio (Sousa, 2014).

A par das ânforas identificou-se um amplo conjunto de contentores cerâmicos destinados ao armazenamento. Os exemplares n.º 21 e 22 assim como as asas bífidas n.º 23 e 24, correspondem a contentores Tipo *pithoi* típicos do mundo de influência fenício (Arruda, 2002). Os bocais n.º 25 a 32 parecem já corresponder a contentores de armazenamento de distinta morfologia. Formas e fabricos idênticos foram recentemente sistematizados sob a Série 10 da tipologia estabelecida com base no estudo do espólio cerâmico recolhido na escavação do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, com cronologias de meados do século V a.C.



**Figura 26**  
Conjunto cerâmico recolhido à superfície e produzido a torno. N.º 1 a 20 ânforas de tradição do mundo fenício-púnico. N.º 15 a 20 asas de ânfora com característica depressão longitudinal típica da segunda metade do primeiro milénio.

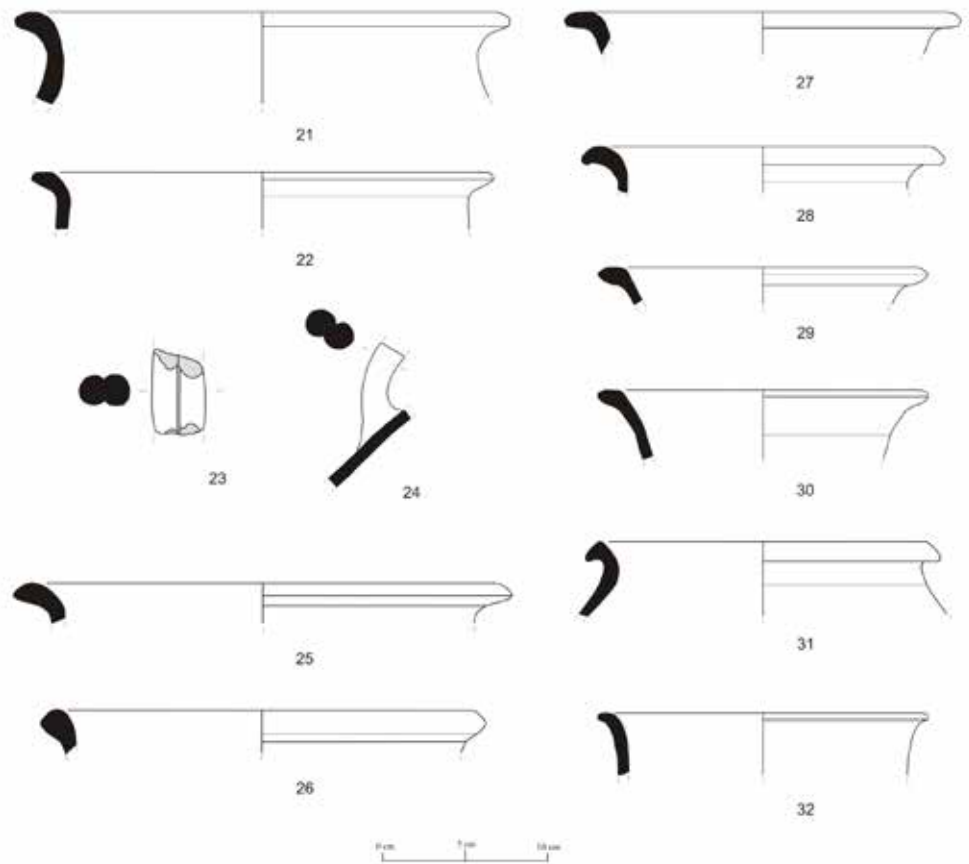


Figura 27

Conjunto cerâmico recolhido à superfície e produzido a torno. N.º 21 a 24 contentores de armazenamento do tipo pithoi. N.º 25 a 32 contentores de armazenamento.

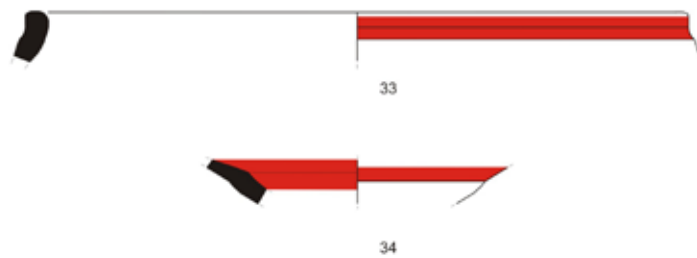
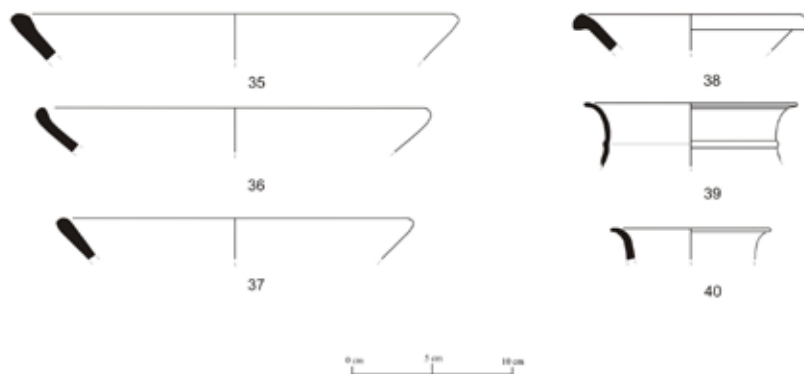
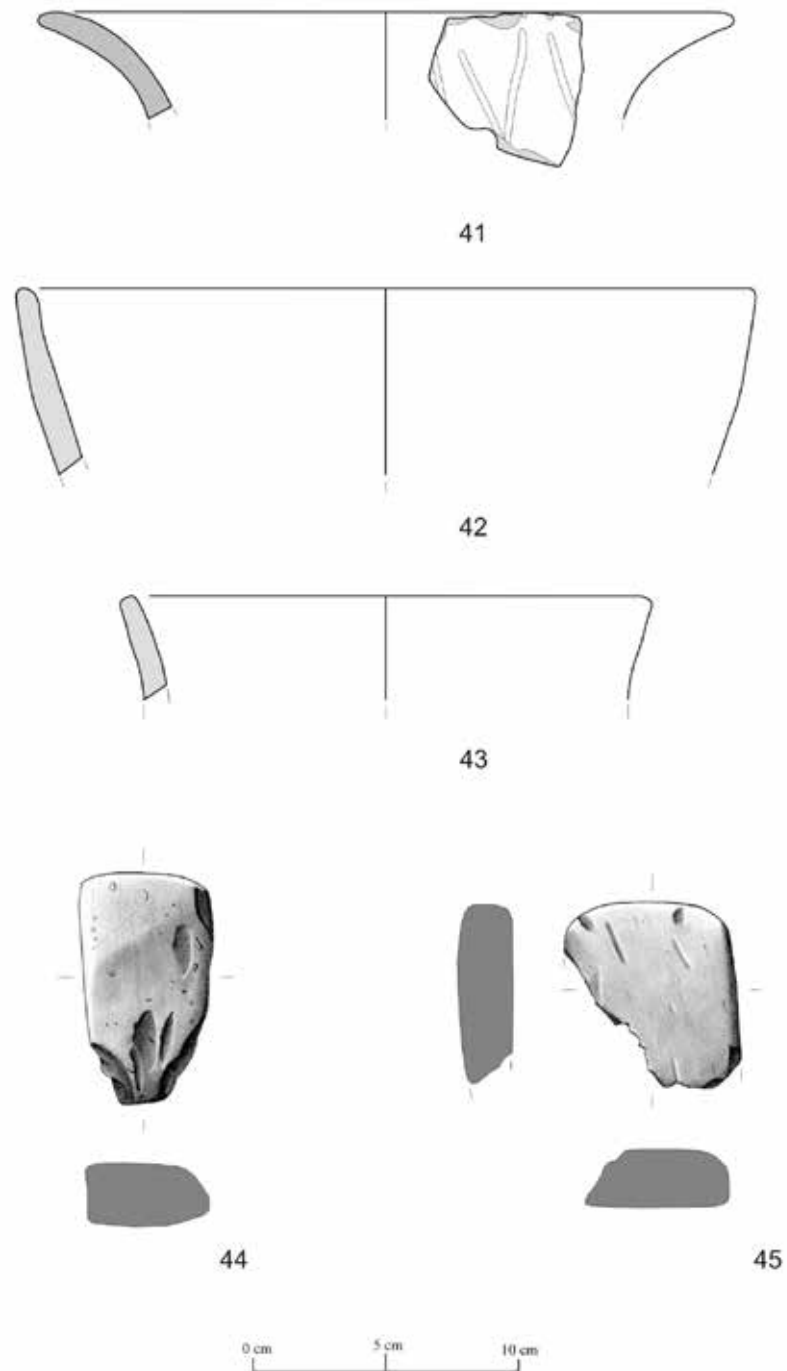


Figura 28

Conjunto cerâmico recolhido à superfície e produzido a torno. N.º 33 ampla taça globular revestida externamente com engobe vermelho. N.º 34 fragmento de prato de engobe vermelho. N.º 35 a 40 cerâmicas cinzentas finas polidas.





**Figura 29**  
Conjunto cerâmico  
e lítico recolhido à  
superfície. N.º 41 a  
43 contentores de  
cerâmica manual. N.º  
44 e 45 machados  
de pedra polida em  
anfíbolite.

(Sousa, 2014). Formas similares encontram-se bem representadas no povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, aí com cronologias dos finais da Idade do Ferro (Pimenta, Mendes e Madeira, 2009).

A cerâmica de engobe vermelho encontra-se atestada por duas peças, ambas com pastas que nos permitem supor uma produção do vale do Tejo, possivelmente da área da foz (Calado *et al.* 2013). A peça n.º 27 corresponde a um contentor de tendência esférica, com caneluras junto ao bordo, e revestimento externo a engobe vermelho. Esta forma encontra-se bem representada em contextos da primeira metade do século VII a.C. em Huelva (Forma C1a de Rufete Tomico, 1988-89). Curiosamente, forma similar foi identificada no povoado de



cabanas de Santa Sofia (Pimenta e Mendes, 2010-11, figura 7, n.º 25). O exemplar n.º 28 corresponde a um fragmento de parede de um prato com revestimento interno e externo de um engobe vermelho espesso e bem aderente.

A cerâmica cinzenta fina polida está escassamente representada, por apenas seis fragmentos. Os exemplares n.º 35 a 37 correspondem a tigelas hemisféricas de perfil simples, similares ao tipo 1, do conjunto de cerâmica cinzenta da Sé de Lisboa (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000) e à Série 1, Grupo 1A, da cerâmica cinzenta do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014). Os bocais n.º 39 e 40 são atribuíveis a pequenos potes, Série 3, Grupo 3A da mesma Tipologia (Sousa, 2014, p. 132). O n.º 39 encontra paralelo idêntico entre o material da Rua dos Correeiros em Lisboa, onde foi recolhido um pote completo desta forma (variante 3Aa). A peça de cerâmica cinzenta, que apresentamos com o n.º 38, é de mais difícil classificação, podendo mesmo corresponder a uma peça de cronologia posterior.

Como referimos, a par da cerâmica a torno encontra-se atestada a presença de cerâmica manual de tradição da Idade do Bronze Final (n.º 41 a 43 da figura 29).

Por último, recolheram-se dois exemplares de machados de pedra polida em anfibolite, já muito gastos (n.º 44 e 45 da figura 29).

A análise do conjunto artefactual, recolhido à superfície, permite tecer algumas breves considerações acerca do tipo e da cronologia de ocupação deste sítio, embora esta leitura careça de coordenadas contextuais:

Os dados registados parecem sustentar, como hipótese de trabalho, estarmos perante um sítio datado já da Idade do Ferro, denotando fortes e precoces influências do mundo orientalizante. Face à presença de cerâmica de engobe vermelho, ânforas do Tipo 10.1.2.1. importadas do sul peninsular, assim como de alguns *pithoi*, é possível situar a sua fundação em meados do século VII a.C. Apesar desta remota antiguidade o grosso do material situa-se já em meados da segunda metade do primeiro milénio a.C..

A recolha na área do corte, de alguns restos osteológicos e malacológicos permitiu efetuar duas datações pelo radiocarbono:

REF. DE LABORATÓRIO	TIPO DE AMOSTRA	$\Delta 13C$ (‰)	DATA 14C (BP)	DATA CALIBRADA (CAL BC) * 1 $\Sigma$ 2 $\Sigma$
Sac-2375	Ossos (colagénio)	-21,60	2480±40	758-726; 672-541 775-472
Sac-2374	Venerupis decussata	-1,40	2690±35	380-291 400-197

\* Calibração fazendo uso das curvas IntCal13 e Marine13 (Reimer *et al.*, 2013) e do programa CALIB 7.0 (Stuiver e Reimer, 1993). Utilizou-se o valor de  $\Delta R = 95 \pm 15$  anos 14C (Soares e Dias, 2006) na calibração da data obtida com conchas marinhas.

As datas obtidas não põem em causa a cronologia inferida a partir da análise artefactual. Pelo contrário, parecem confirmá-la. No entanto, a sua validade seria maior se as pudessemos associar a contextos específicos.

## 9. Quinta do Bulhaco II

A Quinta e Palácio do Bulhaco (ver Fig. 2 e 30) é um extenso e bem preservado exemplo de arquitetura civil setecentista, propriedade dos Condes da Cunha. Nas suas imediações detetou-se, em 2006, evidências de ocupações pretéritas de grande interesse, reveladas na sequência de trabalhos agrícolas (Pimenta e Mendes, 2007a).

Entre estas, destaca-se por se enquadrar no presente enquadramento temporal, a correspondente aos vestígios que então designámos como Quinta do Bulhaco II, (CNS 30359).



**Figura 30**  
Vista geral da  
implantação do sítio  
de Quinta do Bulhaco  
II. Em fundo o edifício  
da Quinta.

Situado numa área aplanada na margem esquerda do Rio da Silveira, os vestígios de uma ocupação datada da Idade do Ferro, estendem-se por uma área de cerca trezentos metros quadrados.

Na zona central do terreno, detetámos uma maior concentração de materiais cerâmicos de cronologia da Idade do Ferro (Fig. 31 e 32). Entre estes destaca-se a presença de bocais de potes de perfil em esse; cerâmica cinzenta fina, asas de rolo e alguns bocais de ânforas pré-romanas.

Entre o conjunto de ânforas, foi possível classificar sete fragmentos de bocal, que permitem tecer algumas observações. Da análise das suas pastas é possível individualizar três grupos distintos de fabricos, que parecem corresponder a distintas proveniências.

O primeiro Grupo (Fig. 31) encontra-se atestado, por um único exemplar de proveniência meridional, o bocal n.º 1. Trata-se de um fabrico meridional da área da Baía de Cádiz do Tipo 12. 1.1.1. (Mañá-Pascual A4) (Ramon Torres, 1995). As ânforas desta forma parecem ter uma

longa duração, estando documentadas em diversas estações desde meados do século IV a.C. até um momento indeterminado do século I a.C.

O segundo Grupo é o melhor representado, correspondendo ao Grupo 1, definido para as produções de ânforas do Estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014). Neste grupo inclui-se o restante conjunto de fragmentos de ânforas, à exceção do exemplar n.º 7.

A ânfora n.º 2 insere-se no Tipo 7 destas produções do estuário do Tejo, datada de momentos finais da Idade do Ferro, séculos III-II a.C. (Sousa e Pimenta, 2014).

Os contentores n.º 3 a 6 englobam-se no Tipo 6 desta Tipologia, com cronologias da segunda metade do primeiro milénio até aos alvares da romanização (séc. V a II a.C.) (Sousa e Pimenta, 2014).

O terceiro Grupo caracteriza-se por uma pasta muito característica das produções de ânforas do interior do estuário do Tejo (Grupo II da tipologia recentemente apresentada – Sousa e Pimenta, 2014). Encontra-se bem atestada em sítios como o Porto do Sabugueiro (Pimenta e Mendes, 2008), Alcáçova de Santarém (Arruda, 2002) e Chões de Alpompé, (Diogo, 1993). Foi apenas identificado um fragmento, n.º 7, correspondendo a um bocal do Tipo 6 (Sousa e Pimenta, 2014).

A par das produções de ânforas, sobressaem entre o conjunto de material recolhido, diversos fragmentos de bocal e de asas de jarros em cerâmica cinzenta fina polida (n.º 22 a 26). Trata-se de uma forma bem individualizada, destinada a conter e transportar líquidos. Este modelo formal encontra-se particularmente bem representado nos casais agrícolas da Idade do Ferro em torno de Lisboa, com cronologias de meados do século V a.C., como os estudados da região de Oeiras: Outurela (Cardoso, 1995) e Gamelas 3 (Cardoso e Silva, 2012), assim como na zona da Amadora (Sousa, 2013). No povoado da colina do Castelo em Lisboa, foram identificados jarros similares, com cronologias ulteriores e que alcançam os finais da Idade do Ferro (Pimenta, Calado e Leitão, 2013).

Da análise do conjunto de materiais recolhidos no sítio da Quinta do Bulhaco II, ressalta a sua cronologia tardia, dentro da Idade do Ferro. Tendo em conta as produções de ânforas aqui atestadas é possível que muitos destes contentores de produtos alimentares tenham aqui chegado já no século III-II a.C., podendo mesmo, alguns deles corresponder já a produções coetâneas com as primeiras movimentações militares romanas no Vale do Tejo. Ressalve-se que apesar de não ter sido possível registar nenhum fragmento classificável, foram aqui recolhidos alguns fragmentos de parede de ânforas itálicas com as típicas pastas campanienses, podendo corresponder a modelos de ânforas vinárias do tipo Dressel 1 ou Greco-Itálicas.

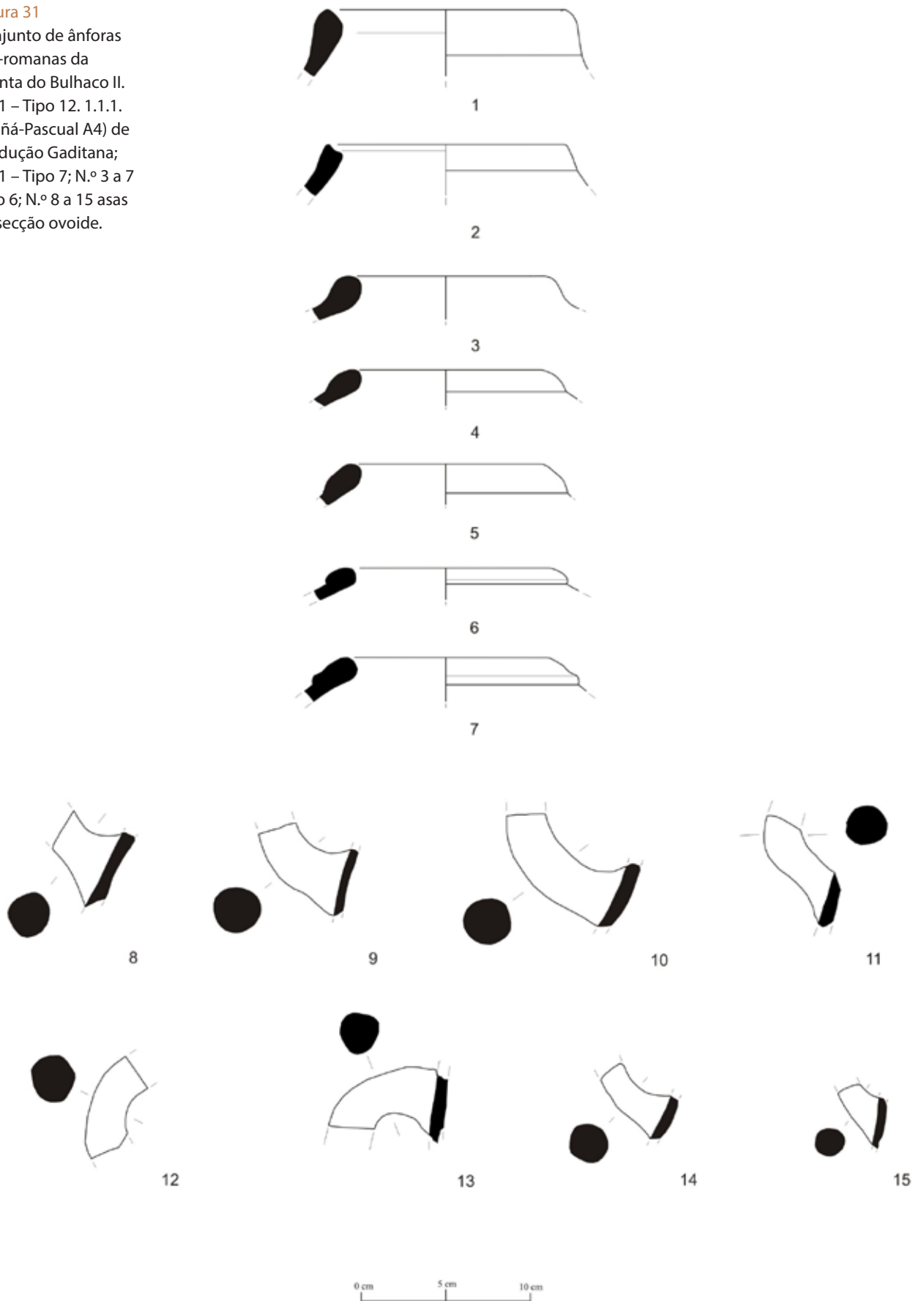
## 10. Tentativa de Síntese

A gênese deste trabalho emergiu das problemáticas suscitadas com a escavação em 2006 e 2007 do povoado de Santa Sofia, em Vila Franca de Xira. O alargar do quadro de indagações, ao território vizinho, através de um projeto de prospeção sistemática, permitiu começar a antever um quadro de povoamento totalmente insuspeito.

No âmbito deste projeto, foi possível identificar e georreferenciar em áreas de meia encosta, nas imediações de importantes linhas de água, diversos sítios dos finais da Idade do Bronze, e da Idade do Ferro, que podem enquadrar-se dentro daquilo que usualmente se classifica como casais agrícolas (Cardoso, 2004), assim como, outros de maior dimensão e de posição destacada na paisagem, evidenciando vestígios de potentes sistemas defensivos, que terão certamente assumido um papel de destaque na organização e hierarquização do povoamento.

Figura 31

Conjunto de ânforas pré-romanas da Quinta do Bulhaco II. N.º 1 – Tipo 12. 1.1.1. (Mañá-Pascual A4) de produção Gaditana; N.º 1 – Tipo 7; N.º 3 a 7 Tipo 6; N.º 8 a 15 asas de secção ovoide.





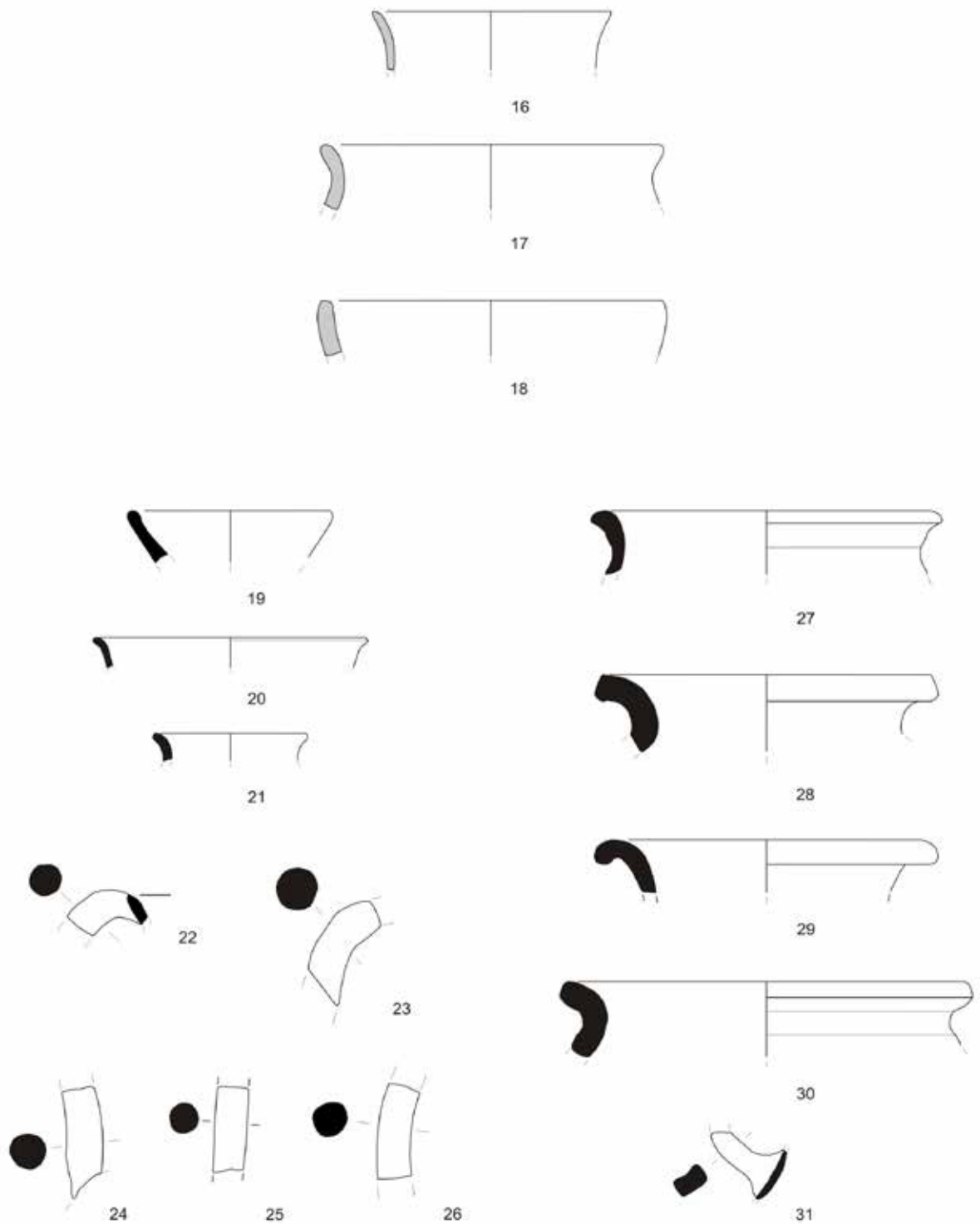


Figura 32

Materiais da Quinta do Bulhaco II. N.º 16 a 18 – Cerâmica manual; N.º 19 a 26 – Cerâmica cinzenta fina polida; N.º 27 a 30 – Contentores de armazenamento; N.º 31 – Pequena asa de pote (?) com depressão longitudinal.

Entre as diversas áreas analisadas, o Vale do Rio da Silveira apresenta-se como um espaço geográfico bem definido e com uma dinâmica de ocupação que justifica o desenvolvimento de um projeto de estudo futuro.

Ainda que tenhamos consciência, da limitação dos dados com que estamos a trabalhar, entenda-se, dos diversos sítios, reconhecidos ao longo das margens do Rio da Silveira, apenas um foi alvo de escavação arqueológica recente, tendo os restantes, sido apenas alvo de prospeções sistemáticas. Julgamos, contudo, pertinente trazer à coação estes novos elementos, apresentando e discutindo os dados disponíveis, não como um fim em si mesmo, mas como o início de um percurso de investigação que esperamos poder trilhar.

Temos, assim, dados consistentes, para afirmar, que, no final da Idade do Bronze, o vale do Rio da Silveira, assistiu à emergência de dois povoados de altura. O Castelo de Alverca, junto à sua foz, e o sítio do Castelo, junto à povoação de Adanaia, onde o vale se espraia em encostas férteis ainda hoje alvo de aproveitamento para a produção cerealífera.

Para a mesma fase, no sopé da fortificação do Castelo foi detetado o sítio de Adanaia. A informação disponível, ainda que truncada, permite sustentar estarmos perante uma área habitacional de alguma dimensão, correlacionada com o aproveitamento agrícola e pecuário do vale. Face à sua implantação sob o sítio do Castelo, estaremos perante dois sítios em direta correlação e codependência.

A informação disponível, não permite entender, de forma clara, como é que esta rede de povoamento da Idade do Bronze Final interagiu com a chegada dos mercadores fenícios, em meados do século VIII a.C., ao vale do Tejo.

Para o sítio do Castelo de Alverca, apesar de escassos, alguns elementos recolhidos permitem sustentar que existiu uma precoce interação entre ambas as comunidades. Dela, nos pode falar, a conta de pasta vítrea, recolhida em níveis onde ainda não se encontra qualquer cerâmica a torno e em que apenas estão representadas cerâmicas manuais típicas do Bronze Final. Tendo em conta, alguns materiais recolhidos em intervenções no casco antigo de Alverca, este povoado terá continuado ao longo da Idade do Ferro e período romano republicano, sendo assim um caso de longevidade assinalável, que encontra a sua justificação no seu cariz portuário.

Ao longo do vale, os restantes sítios da Idade do Bronze Final, parecem ter sido abandonados com o alvorecer da Idade do Ferro. Entre os elementos recolhidos em sítios como o Alto do Pinheiro, Castelo e Adanaia, nada nos indica a sua continuação além do século VIII a.C.

Apesar desta aparente retração do povoamento, no interior do vale e em posição de controlo de uma zona de portela de caminho natural de acesso à serra, onde existem fortes indícios de exploração mineira antiga, foi fundado nos inícios da Idade do Ferro o sítio de Casal do Pego I.

Na ausência de escavações arqueológicas, é difícil determo-nos na interpretação deste sítio e da sua real relevância. Contudo, a presença de importações da área da baía Gaditana, numa fase precoce do processo de orientalização do vale do Tejo (séculos VII-VI a.C.), leva a sublinhar a sua relevância, e supor que esta “fundação” possa se ter enquadrado numa estratégia deliberada de povoamento. Estaremos perante um casal agrícola dos inícios da Idade do Ferro, similar ao detetado em Santa Sofia e aos que tem vindo a ser estudados na região de Oeiras: Outorela (Cardoso, 1995), Leião (Cardoso *et al.* 2010-11), Gamelas 3 (Cardoso e Silva, 2012) e na zona da Amadora (Sousa, 2013)? Ou perante algo mais complexo?

O recente conhecimento, que se tem vindo a consolidar, sobre a Idade do Ferro do interior da península de Lisboa, leva-nos a sublinhar a relevância do povoamento proto-

-histórico detetado nos vales do rio Grande da Pipa e, do ora aqui exposto, do Rio da Silveira. Estes vales são vias de acesso e de transitabilidade natural para o interior para a atual zona de Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço e Torres Vedras, assim como de rápida ligação destas áreas com as margens do Tejo. Também por aqui fluíram ideias, técnicas e mercadorias que sustentam o processo de orientalização que se assiste nas comunidades indígenas.

Não queremos aqui defender, que apenas estes dois vales foram utilizados como vias de penetração, antes pretendemos sublinhar a relevância da realização de estudos similares de povoamento em vales como o de Chelas em Lisboa, do rio Trancão em Loures, do rio de Alenquer e da Ota em Alenquer, onde certamente existem sítios relevantes por detetar e explorar.

Não sendo aqui o sítio para abordar o volume de informação sobre os sítios da Idade do Ferro no interior da península de Lisboa, nem tendo este trabalho a intenção de discutir espólios e cronologia dos mesmos, não podemos deixar aqui, de expor algumas novidades da investigação que vem dar colorido ao parco conhecimento disponível.

Um pouco a norte da nascente do Rio da Silveira, foram recentemente dados a conhecer dois sítios de altura, com condições naturais de defesa, e gozando de ampla visibilidade, ainda mal caracterizados do ponto de vista cronológico, mas com ocupações atestadas da Idade do Bronze e Idade do Ferro. O Sítio do Forte da Casal do Cego (Cardoso, 2012), e o do Moinho do Custódio - Arranhó (Cardoso e Gonzalez, 2008), ambos no município de Arruda dos Vinhos.

No seguimento da mesma Serra, destaca-se a relevante ocupação proto-histórica do Forte do Alqueidão – Sobral de Monte Agraço (Rocha e Reprezas, 2014). Alvo de escavações recentes, os elementos disponíveis são particularmente interessantes e reveladores da precoce penetração do mundo orientalizante e da sua forte interação com o mundo indígena da Idade do Bronze Final. Aqui se recolheram a par de cerâmicas manuais típicas do mundo indígena, um conjunto de ânforas do Tipo 10.1.2.1, contentores de tipo *pithoi*, cerâmica cinzenta e cerâmica com engobe vermelho. A aduzir a este panorama foi ainda identificada uma conta oculada em pasta vítrea (Rocha e Reprezas, 2014).

Dominando de uma forma singular uma área de enorme relevância no quadro da transitabilidade da península de Lisboa o povoado fortificado da Serra do Socorro, mantém-se ainda hoje mal conhecido. Os elementos disponíveis permitem sustentar a sua origem na Idade do Bronze Final e uma continuidade durante a Idade do Ferro, ainda que os materiais trazidos a público se enquadrem em cronologias algo tardias, enquadráveis nos meados do século VI-V a.C. (Matias, 2003; Cardoso, 2004).

Nas proximidades da Serra do Socorro, e aparentemente correlacionado com este povoado, existe uma relevante, ainda que mal conhecida ocupação, dos inícios da Idade do Ferro, em torno do alto do Moinho da Mariquitas (Caninas, *et al.*, 2006). Na breve notícia em que é dado conhecimento da sua descoberta são referidos três sítios distintos: a Quinta de Além; o Moinho da Mariquitas propriamente dito, em que é mencionada a existência de um recinto fortificado, e uma outra ocorrência a sul da povoação de Mesquita em que é proposta a existência de uma necrópole da Idade do Ferro, onde foram recolhidas inúmeras contas de pasta vítrea (Caninas *et al.* 2006).

Temos assim, como podemos ver, um quadro algo distinto do que tem vindo a ser traçado e onde começa a emergir uma forte presença de elementos orientalizantes num eixo Este-Oeste, ao longo de uma relevante via natural que liga as margens do Tejo à fachada atlântica.

Aí emergem dois grandes povoados de altura, que certamente assumiram papel de relevo na estruturação do povoamento, a Serra do Socorro e o Forte do Alqueidão.

Por último, no âmbito do gizar do povoamento do rio da Silveira, importa determo-nos no sítio de Quinta do Bulhaco II. Aparentemente, este novo estabelecimento surge após o abandono do sítio de Casal do Pego I, datando a sua ocupação dos finais da Idade do Ferro, séculos III/II a.C., sendo, aparentemente, já coetâneo da presença das primeiras movimentações do exército romano no Vale do Tejo.

Em jeito de conclusão, importa reforçar que apenas a realização de trabalhos de escavação, devidamente programados e realizados com um quadro de indagações pré-definido que poderá clarificar algumas das questões ora expostas.

---

#### BIBLIOGRAFIA

- ARRUIDA, A. M. (2002) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Cuadernos de Arqueología Mediterránea. 5-6. Barcelona.
- ARRUIDA, A. M. (2005a) – O 1.º milénio a.n.e. no centro e no sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4. 23, p. 9-156.
- ARRUIDA, A. M. (2005b) – Orientalizante e pós-orientalizante no sudoeste peninsular: Geografias e cronologias. In *Actas del III Simposio Internacional de arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Período Orientalizante*. Volume I. Anejos de AEspa. XXXV. Mérida, p. 277-303.
- ARRUIDA, A. M.; FREITAS, V.T.; VALLEJO SÁNCHEZ, J.I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 3. Número 2, p. 25-59.
- ARRUIDA, A. M.; SOUSA, E.; PIMENTA, J.; MENDES, H.; SOARES, R. (2014) – Alto do Castelo's Iron Age occupation (Alpiarça, Portugal). *Zephyrus*. Revista de Prehistoria y Arqueología. LXXIV. Julio-diciembre 2014. Universidad de Salamanca, p. 143-155.
- AUBET, M. E.; CARMONA, P.; CÚRIA, E.; DELGADO, A.; FERNANDEZ CAMPOS, A. e PARRÁGA, M. (1999) – *Cerro del Vilar. El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadallorce y su interacción con el Hinterland*. Monografías Arqueología. Sevilla: Junta da Andalucía.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L.; SABROSA, A. (1993) - Fenícios na Margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. In *Estudos Orientais IV - Os Fenícios no território Português*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 143-182.
- BARROS, L. e SOARES, A. M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4, 22, p. 333-352.
- BOAVENTURA, R. (2009) - *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- BOAVENTURA, R.; PIMENTA, J., VALLES, E. (2013) - O povoado da Idade do Bronze Final do Castelo da Amoreira (Odivelas). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. N.º 20. Pág. 389-406.
- CALADO, M.; PIMENTA, J., FERNANDES, L.; FILIPE, V. (2013) - Conjuntos cerâmicos da Idade do Ferro do Teatro Romano de Lisboa: as cerâmicas de engobe vermelho. In *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 775-784.
- CANINAS, J.; CARDOSO, G.; HENRIQUES, F. MONTEIRO, M.; SABROSA, A. (2006) – Três novas jazidas da Idade do Ferro em Torres Vedras. In *Al-Madan*. II Série. N.º 14. Centro de Arqueologia de Almada. Almada, p. 6.
- CARDOSO, J. L. (1990) - A Presença Oriental no Povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. In *Estudos Orientais I*. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L. (1995) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: Um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra. XXXIV, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1997/98) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 169-187.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A baixa estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: Um ensaio de História Regional*. Estudos Arqueológicos de Oeiras. 12. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro (Cascais): resultados das escavações realizadas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 9. Número 1, p. 21-46.



- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C e HENRIQUES, F. (1998) – Duas cabanas circulares da Idade do Bronze Final do Monte de São Domingos (Castelo Branco). *Estudos Pré-históricos. Actas do Colóquio “A pré-história na Beira Interior”*. Viseu. 6, p. 325-345.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. T.; MARTINS, F.; ANDRÉ, C. (2010-11) – O casal agrícola da I Idade do Ferro de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. N.º 18. Oeiras, p. 75-102.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, C. T. (2012) – O casal agrícola da Idade do Ferro de Gamelas 3 (Oeiras). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 5. 2, p. 355-400.
- CARDOSO, J. L.; SILVA, I. M. (2004) – O povoado do Bronze final da Tapada da Ajuda (Lisboa): Estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 7. Número 1, p. 227-271.
- CARDOSO, G. (2012) – Sondagens arqueológicas nos fortes do Casal do Cego e da Carvalha (Arruda dos Vinhos). In *Al-Madan*. II Série. N.º 17. Centro de Arqueologia de Almada. Almada, p. 168-169.
- CARDOSO, G. ; ENCARNANÇA, J. D’ (2013) – O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais. *CIRA Arqueologia* N.º2, p. 133-180.
- CARDOSO, G. ; GONÇALEZ, A. (2008) – Novos dados sobre Arruda dos Vinhos na Idade do Ferro. In *Actas do IV Seminário do Património da Região Oeste*. Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos, p. 127-133.
- DIOGO, A. M. D. (1993) – Ânforas pré-romanas provenientes dos Chões de Alompé. *Estudos Orientais*. 4. Os Fenícios no Território Português, p. 215-227.
- FÉLIX, P. (2006) – O final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro no Ribatejo norte (Centro de Portugal): Uma breve síntese dos dados arqueográficos. *Conimbriga*. Coimbra. 45, p. 65-92.
- FREITAS, V.T. (2005) – Observações preliminares sobre as cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. In *Actas del III Simposio Internacional de arqueologia de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. El Período Orientalizante*. Volume II. Anejos de AEspa. XXXV. Mérida, p. 911-918.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1985) – Cerâmica de Alpiarça. Exposição permanente na Galeria dos Patudos. Câmara Municipal de Alpiarça. Casa Museu dos Patudos em colaboração com o Instituto Arqueológico Alemão de Lisboa.
- MAAS-LINDEMANN, G. (1999) – La cerámica de las primeras fases de la colonización fenicia en España. In *La Cerámica Fenicia en Occidente. Centros de Producción y áreas de comercio*. Actas del I Seminario Internacional sobre temas Fenicios. Guardamar del Segura, 21-24 de noviembre de 1997. Diputación Provincial de Alicante, p. 129-148.
- MARQUES, G. (1972) – Arqueologia de Alpiarça. As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto. *Trabalhos de Antropologia Dr. Mendes Correia*. N.º 13. Faculdade de Ciências do Porto.
- MARQUES, G. & ANDRADE, G.M. (1974) – Aspectos da Proto-História do território Português: 1 – Definição e distribuição da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). In *Actas do III Congresso Nacional de Aqueologia*. Porto, p. 125-148.
- MATALOTO, R. (2004) – Um monte da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. *Trabalhos de Arqueologia*. 37.
- MATIAS, C. (2003) – Serra do Socorro : Uma aproximação à sua caracterização arqueológica no contexto da Estremadura Atlântica. In *Boletim Cultural*. Câmara Municipal de Mafra, p. 308-358.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. (2000) - *L'établissement phénicien de'Abul. Portugal*. Paris: Difusión de Boccard.
- PARREIRA (1988) – Inventário do Património Arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira. Notícia da parcela 390-6. In *Boletim Cultural*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. N.º 3, p. 96-105.
- PIMENTA, J. (2005) – *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa. *Trabalhos de Arqueologia*. 41.
- PIMENTA, J. ; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 8. Número 2, p. 313-334.
- PIMENTA, J. ; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2013) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça”. *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar*. Volume 2. Ana Arruda, Ed. Actas do VI th. Congress of Phoenician and Punic Studies. Lisboa 26 de Setembro a 1 de Outubro de 2005. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 724-735.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007a) – Relatório de Prospecções Arqueológicas no Âmbito do Projecto “Conhecer o Património de Vila Franca de Xira”. Município de Vila Franca de Xira, Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2007b) – A intervenção arqueológica na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo (Vila Franca de Xira). In *Catálogo da Exposição Alverca da Terra às Gentes*. Museu Municipal de Vila Franca de Xira/núcleo de Alverca – Câmara Municipal Vila Franca de Xira, p. 53-70.

- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 11. Número 2, p. 171-194.
- PIMENTA, J. e MENDES, H. (2010-11) – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. N.º 18. Oeiras, p. 591-618.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. e MADEIRA, F. (2009) – O Povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 12. Número 2, p. 177-208.
- PIMENTA, J.; SOARES, A. M.; MENDES, H. (2013) – Cronologia Absoluta para o Povoado Pré-Romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira). *CIRA Arqueologia* N.º2, p. 181-194.
- PIMENTA, J.; SILVA, R. B.; CALADO, M. (2013) - Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*: A Intervenção Arqueológica Urbana da Rua de São Mamede ao Caldas N.º 15”. *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar*. Volume 2. Ana Arruda, Ed. Actas do VI th. Congress of Phoenician and Punic Studies. Lisboa 26 de Setembro a 1 de Outubro de 2005. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 712-723.
- PINTO, C. V.; PARREIRA, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*. Lisboa. Vol. 1, p. 145-163.
- RAMON TORRES, J. (1995) – *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col. Lección Instrumental. 2. Barcelona. Publicacions universitat de Barcelona.
- REIMER, P.J., BARD, E., BAYLISS, A., BECK, J.W., BLACKWELL, P.G., BRONK RAMSEY, C., BUCK, C.E., CHENG, H., EDWARDS, R.L., FRIEDRICH, M., GROOTES, P.M., GUILDERSON, T.P., HAFLIDASON, H., HAJDAS, I., HATTÉ, C., HEATON, T.J., HOFFMANN, D.L., HOGG, A.G., HUGHEN, K.A., KAISER, K.F., KROMER, B., MANNING, S.W., NIU, M., REIMER, R.W., RICHARDS, D.A., SCOTT, E.M., SOUTHON, J.R., STAFF, R.A., TURNEY, C.S.M., Van der PLICHT, J. (2013): “IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves, 0-50,000 Years cal BP”. *Radiocarbon* 55(4):1869–1887.
- ROCHA, A.; REPREZAS, J. (2014) – O Forte do Alqueidão. *Arqueologia e História. Da Idade do Ferro às Invasões Napoleónicas*. Cadernos da CILT. I. Centro de Interpretação das Linhas de Torres. Sobral de Monte Agraço.
- Rufete Tomico, P. (1988-89) - Las cerámicas con engobe rojo de Huelva. *Huelva Arqueológica*. Huelva: Diputación Provincial de Huelva. X-XI, 3, p. 10-40.
- RUIZ MATA, D.; PÉREZ, C. J. (1995) – *El poblado fenicio del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa Maria, Cádiz)*. Biblioteca de temas portuenses. Puerto de Santa Maria.
- SOARES, A. M.; DIAS, J. M. A. (2006) - Coastal upwelling and radiocarbon. Evidence for temporal fluctuations in ocean reservoir effect of Portugal during the Holocene. *Radiocarbon*. 48(1), p. 45-60.
- SOUSA, A. (1998) – *O Neolítico Final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros*. Trabalhos de Arqueologia n.º 11. Instituto Português de Arqueologia.
- SOUSA, E. (2013) – A Idade do Ferro no Concelho da Amadora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Vol. 16, p. 149-165.
- SOUSA, E. (2014) – *A Ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Estudos & Memórias. 7. UNIARQ. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, E.; PIMENTA, J. (2014) – A produção de ânforas no estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In Morais, R., Fernández, Sousa, M. J. (eds.), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*. Monografias Ex Officina Hispana II (Actas do II Congresso Internacional de la SECAH - Ex officina Hispana (Braga, de 3 a 6 de Abril de 2013). Porto, vol. 1, p. 303- 316.
- STUIVER, M.; REIMER, P.J. (1993): “Extended 14C Data Base and Revised CALIB 3.0 14C Age Calibration”. *Radiocarbon* 35(1): 215-230.
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia 9. 2 Volumes. IPPAR. Lisboa.
- Vilaça, R. e Arruda, A. M. (2004) – Ao longo do Tejo, do Bronze ao Ferro. *Conimbriga*. Coimbra. 43, p. 11-45.

---

#### NOTAS

<sup>1</sup> No decorrer e execução deste trabalho podemos contar com apoio e amizade do Engenheiro Monge Soares, a quem muito agradecemos. São de sua autoria e responsabilidade as datações absolutas obtidas para o Casal do Pego, assim como a sua devida calibração. Apesar de este trabalho muito lhe dever, não lhe são imputadas quaisquer culpas a qualquer interpretação mais temerária por parte dos autores.





Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)



MUSEU  
MUNICIPAL

[www.museumunicipalvfxira.pt](http://www.museumunicipalvfxira.pt)



Centro de Estudos  
ARQUEOLÓGICOS  
Vila Franca de Xira